

AUTORES & LIVROS

7/9/941 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a orientação de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Num. 4

INGLEZ DE SOUZA

Um dos itens do plano outro grande espírito, do que para si mesmo traçou no de um talento real e *Autores e Livros* consiste em trazer à tona os valores autênticos das nossas letras, que estes já sepultados no esquecimento, ou apenas na indiferença do público. Nosso número anterior evocava Eduardo Prado, e mostrava, através da palavra dos contemporâneos do autor da *Ilusão Americana*, e bem assim através do juízo de alguns críticos atuais, o muito que nos deve merecer a todos aquele escritor paulista, hoje inteiramente esquecido.

O número atual de *Autores e Livros* é, em parte, consagrado a Inglez de Souza, cuja morte ocorreu no dia 6 de setembro de 1918. Ai está outro esquecido das letras brasileiras. E' curioso verificar como, em nossos compêndios de história literária mais dignos de consulta, é omitido o nome desse escritor. Sirva de exemplo a *Pequena História da Literatura Brasileira*, de Ronald de Carvalho, que é um dos livros, no gênero, mais importantes que possuímos. Na sua primeira edição, Ronald tinha uma referência a Inglez de Souza: a simples citação do nome dele, entre os nomes dos vários escritores da época. Nas edições posteriores, até essa mesma referência desapareceu.

Talvez o próprio Inglez de Souza tenha sido culpado disso. Ele possuía, sem dúvida, um belo talento, mas parece ter despedido singularmente da conveniência de realizar a sério uma obra literária. Humberto de Campos, num artigo que sobre ele escreveu, e que neste número transcrevemos, diz que Inglez de Souza acabara desdenhando a glória literária. E' o que hoje faz *Autores e Livros*, reunindo na

sua primeira parte, uma dezena de artigos de escritores contemporâneos de Inglez de Souza e de escritores da hora atual, todos os quais dedicam ao romancista brasileiro suas análises mais ou menos minuciosas.



A personalidade
de Inglez de Souza

Xavier Marques

HERCULANO Marcos Inglez de Souza, escritor e romancista, abriu outras e diferentes vias à atividade sobrada do seu espírito. Sua personalidade é um diamante de mais lazes. Nele se desdobram, em invejável harmonia, os três aspectos que lhe possibilitaram o viver integralmente para as necessidades da sua época: as faculdades racionais do culto da ciência, as energias efetivas do homem de ação e a potência imaginativa do homem de letras. O campo de fenômenos que lhe forneceu o objeto do conhecimento científico, o das ciências morais e sociais, particularmente do direito, propiciou-lhe a cultura simultânea da imaginação literária. Despontaram ao mesmo tempo o jurista e o novelista, enquanto pela virtude de um caráter simpático às soluções vitoriosas da prática, ele confirmava o apotegma do filósofo italiano: a vida não se encerra toda ela na Academia para os literatos, no Póro para os advogados.

Era filho do desembargador Marcos Antonio Rodrigues de Souza e d. Henriqueta Amália de Góes Brito Inglez, ambos de linhagem conspícua pela representação intelectual e social. Nasceu em 28 de dezembro de 1853, na antiga província do Pará, partiu com 11 anos de idade para o Maranhão, onde esteve internado em uma casa de ensino secundário. Passou ao Rio e do Rio a Pernambuco, em cuja Faculdade de Direito se matriculou e estudou até o quarto ano. O último curso-o na Faculdade de S. Paulo, si recebendo o grau de bacharel em 1876. Tinha então vinte e três anos de idade. Suas aptidões já experimentadas durante o curso, nos debates pela imprensa e nos comícios políticos, rasgavam-lhe esplendidos horizontes. O labor prático arrebatou-o desde logo, mas sem lhe esgarar na alma as fontes do idealismo por qualquer especialização demasiado absorvente. A sua vida, aliás, vai ser até o fim a demonstração de um raro paralelismo: a conjunção do estudo e do trabalho, das idéias e das aplicações: uma razão lúcida para conceber e um pulso viril para realizar. Coubelhe, com efeito, em correspondência com todos os seus prin-

(Continua na página 58)



SUMÁRIO

PÁGINA 49:

— Inglez de Souza.
— A personalidade de Inglez de Souza, por Xavier Marques
— Sumário.

PÁGINA 50:

— O gado do Valha-me-Deus, conto de Inglez de Souza.
— Uma página de Inglez de Souza sobre o selvagem brasileiro.

PÁGINA 51:

— Depoimentos sobre Inglez de Souza.
— Depoimento de João do Rio.
— Depoimento de Humberto de Campos.
— A vida de Inglez de Souza, por Paulo Inglez de Souza.

PÁGINA 52:

— Outros depoimentos sobre Inglez de Souza.
— Um romance de vida amazônica, por José Veríssimo.
— Inglez de Souza e os naturalistas, por José Lima do Rego.

PÁGINA 53:

— A Semana, por Oscar Lopes.
— Um estudo de Olívio Montenegro sobre o romancista da Mistonária.

PÁGINA 54:

— Elogio de Inglez de Souza, por Virgílio de Sá Pereira.
— O que pensava Inglez de Souza sobre a condição do índio no Brasil.

PÁGINA 55:

— Duas páginas de Araripe Junior, sobre Inglez de Souza: Os contos amazônicos. O Mistonário.
— A vida e de cabeça baixa, de Alvaro Moreyra.

PÁGINA 56:

— O atual quadro da Academia Brasileira. Algumas estatísticas da imortalidade.
— Opiniões de escritores. Opiniões de Tobias Barreto.
— Opiniões sobre escritores. Opiniões sobre Tobias Barreto.
— Balada do marinheiro no fundo do mar, poema de Mário da Silva Brito.

PÁGINA 57:

— A vida dos livros. Salvador de Mendonça, de Mucio Leão (da Academia Brasileira).
— Programa de Vida, poema de Afonso Schmidt, com ilustração de Belmonte.

PÁGINA 58:

— Dois poemas do mar, poema de Vinícius Moraes, com ilustração de Santa Rosa.
— A personalidade de Inglez de Souza (continuação da página 49).
— Notícias literárias.
— Uma velha página, de Alcides Maya.

PÁGINA 59:

— Variações sobre um mito, de Onestaldo de Pennafort.
— Duas páginas de Araripe Junior, sobre Inglez de Souza (continuação da página 55).
— Correspondência de escritores. Carta de Inglez de Souza a Afonso Celso.

PÁGINA 60:

— Para a história da Academia: o rompimento e a reconciliação de Ramis Galvão e Salvador de Mendonça.
— Variações sobre um mito (continuação da página anterior).
— Carlos de Laet.

PÁGINA 61:

— Páginas dos Autores Mortos: 1 — Artur Azevedo — Os novos nomes. Proposta.
2 — Alberto de Oliveira — Na Planície.
3 — Pimenta de Laet — Retrato.
4 — Otávio Bilac — Quadras simplices.

PÁGINA 62:

— A página do dia — A especialização na Medicina, de Aulio de Castro.
— Variações sobre um mito (continuação da página 60).
— A matança de Jacaré na Ilha de Maujô, de Amanda Mendes.

PÁGINA 63:

— Chateaubriand e Alfredo de Musset.
— Galeria de vultos notáveis: Antônio Ferro, Joaquim Nabuco, Xisto Baía, Teixeira de Melo.
— Bibliografia de João Ribeiro.
— João Ribeiro no Correio da Manhã.

PÁGINA 64:

— Cinquentário literário de André Gide, de Roberto Alvim Corrêa.
— A personalidade de Inglez de Souza (continuação da página 58).
— Efemérides da Academia.

Depoimentos sobre Inglez de Souza

João do Rio
Humberto de Campos
Paulo Inglez de Souza

DEPOIMENTO

DE JOÃO DO RIO

O sr. Inglez de Souza, autor do "Missionário", manda-me a seguinte carta extremamente curta:

— Os autores que mais conheciam para a minha formação literária foram Erkman, Chateaubriand, Balzac, Dickens, Flaubert e Daniel.

— Das poucas obras que há publicado, prefiro o "Missionário", ainda que a sua justiça não corresponda ao meu modo atual de ver e sentir a natureza. O "Missionário" é espesso e palavroso; tem, pelo menos, cem páginas a mais. Todavia ainda hoje escreveria alguns capítulos, como o da viagem do Padre, o da do Nica Indígena, o interior da Toloma Bernardino.

— A este respeito só posso responder bem os que se envergonham a crítica literária, como de que Deus me defenda. Como quadros de literatura penso que é o último a forma que há de predominar na poesia, e os romances já agora é impossível ter a preocupação social que está em todas as épocas. Para falar com franqueza, considero secundária esta questão de conviver em arte, não chego mesmo a estabelecer outra distinção entre os trabalhos literários, além de ter ou não ter talento o sujeito que se uete a escrever para o público.

— É possível, com o tempo, quando a federação tiver estado verdadeiros Estados e os Estados se tornem tornados nações.

Por enquanto, não conheço nada mais parecido com o liberalismo do norte do que o liberalismo do sul. Não partilho da opinião do sr. Assis Brasil sobre as diferenças étnicas produzidas pela jornada de maldade e pelo churrasco.

— Fazer literatura e fazer jornalismo são coisas diferentes, como fazer arquitetura e fazer engenharia.

— É demonstrado que se pode ser ótimo jornalista sem saber ler nem escrever. Em compensação, há redatores de periódicos que se contam entre os melhores literatos. Também há escritores e amanuenses de secretaria, escrivães e outros pesquisadores de papel, que são excelentes poetas e grandes romancistas. O que não quer dizer que a burocracia seja bom fator para a arte literária...

— É, como se vê, curti, mas cheia de idéias.

(João do Rio: "O Momento Literário" — H. Garnier — Rio, S/d., págs. 234-235).

DEPOIMENTO DE HUMBERTO DE CAMPOS

Entre as histórias fantásticas ornadas, que o gênio oriental espalhou nas Mit e uma noites, distingue-se, pela opulência da imaginação, a que Zobeida conta, certa vez, ao cálio Harum-al-Radhi. É a narração da sua viagem a Basora, em navios carregados de mercadorias, que vão dar, um dia, após uma tempestade, a um porto desconhecido. Sallan do dos barcos, são os passageiros percorrer a cidade. Os ba-

zars, abertos, escancarados, mostram as entranhas preciosas. É o seda, é a púrpura, é o damasco, é o diamante, é o rubi, é, enfim, um tumulto entontecedor de tecidos e pedras. Uma coisa, entretanto, os espanta ainda mais: ao lado dessas riquezas, móveis, soleiras, decorativas, fazem os mercados, os donos daquelas maravilhas, transformados em rígidas estátuas de pedra.

Há nas letras brasileiras um número, e não pequeno, de escritores, que lembram essas múmias milionárias. São homens que, na sua mocidade, acumularam um tesouro de cultura e de talento e ficaram ao lado dele, guardando-o em silêncio. E entre esses avaros estava Inglez de Souza, autor do "Missionário", dos contos amazônicos, do Cacaniã, do Coronel Sangrado, e de umas quatro ou cinco novelas que os jornais esvalharam pelo país.

Inglez de Souza não era, sem dúvida, dos nossos grandes escritores modernos. A obra que nos legou não apresenta, positivamente, uma feição definitiva. Ele próprio reconhecia essa falta do seu esforço, quando confessava, em 1910, na sua resposta ao sr. Paulo Barreto. (O momento literário, pag. 34) que o "Missionário", o seu melhor livro, era espesso e palavroso e tinha, pelo menos, cem páginas a mais. Seria injustiça, no entanto, negar-lhe a vocação literária, o mérito do trabalho, embora irregular e dispersivo, o destaque, enfim, que lhe cabe entre os melhores escritores da geração.

Ele possuía, para ser escritor, as qualidades essenciais. Os assuntos que fixou no romance ou no conto, eram dignos do conto ou do romance e documentaram, de modo inequívoco, a sua capacidade na escolha dos motivos. Usava boa língua e era sóbrio, sem sacrifício da verdade, na descrição dos cenários e das figuras. Era, em suma, um talento que esperava, apenas, a colaboração do tempo e a continuidade do trabalho, como esperam, sem pressa e sem revolta, os frutos que amadurecem.

Por que se anulou, então, para as belas letras, esse espírito que elas receberam com simpatia? Por que se retrificou esse mercador oriental à porta do seu bar, onde se amontoavam, sem ordem, mas com prodigalidade, tão raros tesouros de inteligência e imaginação? Ter-se-ia ele, como Alcindo Guanabara, destinado voluntariamente à orfria? Ou teria, como outros de ista de comissão, sido vítima das mediocridades do seu tempo?

O conhecimento é a verdadeira maçã do paraíso. A Árvore da Ciência teve esse nome, porque foi depois de haver comido o seu fruto que o homem abriu os olhos e viu que estava nu. Esse fruto é do Bem, e do Mal, porque nos revela, quando o provamos, os atalhos do mundo, matando-nos, embora, as pedras ilusórias que os suavizam. O mortal que o saboreou, sentiu-se, de repente, transfigurado. Os leões do Eden recuperam a sua ferocidade, investindo-o. As flores da fé, outrora tão doces, rebentam em espinhos, que são as realidades. Olhando o próprio corpo e percebendo a sua nudez, o homem vê que é preciso vestir-se, agindo por si mesmo. É de debatele que se arrepente: ao seu lado, imperativo, o anjo do Senhor aponta-lhe, com a espada de chamas, o caminho do eterno Degredo.

E ali dos que saíram, um dia, a porta do Paraíso...

Inglez de Souza pareceu-me, sempre, no julgamento do mundo, e dos seus profetas, um irmão de Alcindo Guanabara. Ambos abdicaram a glória literária, tal como ela se lhes oferecia no Brasil. Alcindo renunciou ao seu direito por uma interpretação pessimista, não só da glória

como da vida, na sua complexidade. O outro, em sondagem menos profunda, desistiu apenas da popularidade nas letras. O primeiro teria voltado a fazer literatura, se houvesse disso necessidade. O segundo, que a amou, talvez, mais intensamente, não se reconciliaria, jamais, com ela, dedicando, embora, a seu esforço a outras formas de atividade, mais produtiva. E daí o seu trabalho mais ou menos intenso para a conquista ou conservação de outros pontos, na política, na advocacia, no alto magistério e nos círculos sociais, dos quais não se divorciou. Alcindo foi, em suma, um desiludido pacífico, que desertou da Literatura e da sociedade, para viver a vida do seu temperamento. Inglez de Souza foi um egresso calculista, que sacrificou o seu temperamento literário para melhor satisfazer as exigências da sociedade. Ambos descreiam da glória, cada qual a sua maneira.

Eu suponho, todavia, que essas deserções seriam evitadas, se possuíssemos no Brasil, em todos os grandes jornais, a verdadeira crítica literária. Houvesse a unificação de moedas para recompensa do trabalho dos homens de letras, e não feriamos, nem a renúncia extemporânea por desgostos, em virtude de injustiças, nem por desistido, pelo reconhecimento oportuno ou tardio da própria incapacidade.

Dependentes, todos, uns dos outros, ainda não são os dois possíveis a sinceridade no julgamento dos contemporâneos. Um ou outro crítico que tenta manifestar uma opinião leal, tem de sofrer, por dois motivos: pela companhia dos que não admitem restrições no estudo da sua obra, e pelo ressentimento dos que, desafiando uma opinião imparcial, não se conformam, entretanto, com as concessões feitas a outros. E como o crítico não possa, ainda, entre nós, pela estreteza do cenário, manter a uniformidade de fulguração, resulta de tudo isso, ou a sua adaptação ao meio, à revelia da sua consciência, ou uma atividade acidentada, entre perfúas e maliciadas.

Esses males, que são do nosso tempo, era incomuns, igualmente, na geração de Inglez de Souza. Ele tinha consciência do próprio valor, na sua relatividade. Valeria a pena, porém, trabalhar, pensar, mortificar-se, para ter, ao fim, o mesmo prêmio que se conferia a pequenas inteligências douradas?

A crítica, no decênio em que ele surgiu, era como aquele vilicador da parábola. O dono da vinha contratara, de manhã, por um dinheirão, um grupo de vindimetros. Ao meio-dia contratou outros, e mandou-os ao serviço. A tarde, quase ao pôr do sol, encontrando ainda alguns homens desocupados, enviou-os para a colheita das uvas. Ao fim do dia, começou a pagar-lhes, dando a cada um deles um dinheirão.

— Senhor — exclamaram os que haviam começado de manhã — estes homens trabalham apenas algumas horas e, no entanto, você lhes paga tanto como a nós, que trabalhamos o dia inteiro!

Mas eis não vos prometi apenas um dinheirão? Que vos importa que eu, dono das vinhas, modas, as distribua segundo a minha vontade?

Era isso, e é ainda, o critério da crítica no Brasil. Ela não recusa eficientemente as pedras, o justo salário do talento. Como, porém, se vê constrangida a distribuir esse mesmo salário dos vindimetros que pouco fazem, há naturalmente revoltas e protestos, não contra a sua injustiça, mas em geral contra a generosidade a que a obrigam.

Os que se rebelam e os que exigem salário indevido, não sabem, entretanto, que a moeda dos vindimetros das letras produz, geralmente, do tesouro de

Cornélio Agripa. Contam historiadores que este mágico, por onde passava nas suas viagens, espalhava moedas de ouro, das que pareciam mais puras e autênticas. Os estaleiros e camponeses que o agasalhavam nas estradas, guardavam, contentes, aquelas demonstrações da generosidade do hóspede. Decorrido, porém, algum tempo, quando iam reter o seu erário, encontravam, apenas, no lugar do dinheiro, pedacos de chifre, de concha ou de couro.

São assim, no mundo das letras, as moedas concedidas pela forçada liberalidade da crítica literária. Sem o cunho da justiça e da verdade, elas se desmancham, pouco depois, nas mãos dos que a receberam...

A VIDA DE INGLEZ DE SOUZA

O dr. Paulo Inglez de Souza ofereceu-nos um trabalho sobre a vida do autor de "O Missionário". Modestamente diz tratar-se de "algumas notas". Na realidade é o esboço de uma biografia, e que já seja apenas maior desenvolvimento.

Oferecemos aos leitores esta página em que o filho de Inglez de Souza fixa tantos aspectos da vida e da figura de seu ilustre pai.

Eis o trabalho:

DR. HERCULANO MARCOS INGLEZ DE MOURA

Nasceu em Obidos, Pará, a 28 de dezembro de 1853. Originário de uma das mais antigas famílias paraenses — Souza Coelho — a qual pertenceram D. Raimundo de Seixas, arcebispo da Baía e marquês de Santa Cruz, D. Raimundo de Souza Coelho, 7.º bispo do Pará e o visconde de Souza Franco.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 6 de setembro de 1918; foi sepultado no cemitério de São João Batista, com "um dos maiores e mais importantes de que há memória", segundo afirmou "O País" do dia seguinte.

Matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, em 1872; formou-se na S. Paulo, em 1876.

Melhores trechos literários. Vários as opiniões. "A quadrilha de Jacob Patinho", dos Contos Amazônicos — Ed. Lacerda, 1895 foi reproduzida nas Páginas Escolhidas de João Ribeiro; para Lucio de Mendonça é "O Gado do Valha me Deus"; para Thomas Lopes, O Balde do Judeu, ambos dos Contos Amazônicos. Para sua, o capítulo III de "O Missionário" — ou a narração de Chico Fideles, sozinho num dia de chuva, atacado do flegma, sem auxílio para a correspondência que devia enviar para O Democrata de Manaus. — Os capítulos V, VII e VIII do "Missionário", ou a descrição da missão do padre Antonio de Moraes à MUNDURUCANIA, o capítulo XI ou a narração do missionário. Dos seus trabalhos mais recentes, distinguem-se, pela profundidade e originalidade das concepções, as seguintes de forma — flutuantes, clara, viva e harmoniosa, pela grande cultura filosófica, literária e jurídica que revelam as conferências feitas no Instituto dos Advogados sobre o projeto do Código Civil — O Espírito do Projeto e O Selvagem perante o Direito e, bem assim o discurso de parâmetro na colação de grau dos bacharéis de 1910 da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Acha-se a primeira conferência publicada no Correio da Manhã de 12 de outubro de 1908; a segunda foi largamente reproduzida, tendo sido oficialmente publicada pela Diretoria de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais; encontra-se no Jornal do Comércio de 1.º de maio de 1910. O discurso de colação de grau foi publicado pela Revista Amazonica, ano II — fevereiro, n.º 3. Todas estas discursos reunidos e mais algumas capítulos sobre o Direito da Família, o direito creditório, os bens públicos e a propriedade, formam um livro, ainda inédito. — O novo Direito — sobre a reforma do Direito Civil no Brasil. O seu livro "Títulos no Estado do Pará" contém uma derrota obra clássica nas nossas letras jurídicas. Em muitos dos pareceres que emitiu sobre os principais questões que nestes últimos anos se debateram nos tribunais brasileiros, acham-se algumas das suas melhores páginas de literatura jurídica. A originalidade

dos pontos de vista em que sempre se colocou a verdade e a profundidade dos conceitos, a vastidão e a segurança do saber, a lógica da argumentação, a nitidez das idéias, a clareza e a concisão da forma e, sobretudo, a certeza do diagnóstico jurídico, — se é que assim se pode dizer — com que precisava os casos, deram-lhe lugar, entre os nossos juristas, uma singular eminência e uma grande autoridade. De todo o país acudiam as consultas. Presidentes de Estados e juizes dos mais altos tribunais, muitas vezes se socorriam de suas lições. A sua obra maior, a de mais largo alcance social, fruto de plena maturação de seu espírito, de longos anos de meditação e de estudo, de experiência da vida, de conhecimento profundo da prática do Direito, é sem dúvida o projeto de Código Único do Direito Privado, cuja parte principal — o projeto de Código Comercial — penadiz de discussão do Senado da República. Monumento de saber jurídico, de conhecimento dos homens, de sentimento profundo da Moral e da Justiça e das necessidades sociais que agitam o Mundo Moderno, há-de ficar como um dos mais belos padrões das nossas letras jurídicas. Realização prática e integral, nunca antes realizada, de uma velha aspiração de notáveis juristas, entre os quais Teixeira de Freitas, a codificação de uma do Direito Privado e a consequência em menos de onze meses, entremeados de uma viagem à Europa e sem abandonar os afazeres profissionais de sua intensa vida profissional.

Do que a seu respeito se escreveu, o que melhor lhe exprime, creio, a íntima configuração moral, foi o artigo de Oscar Lopes, publicado no "O País" de 6 de setembro de 1918. O discurso do desembargador S. Pereira, pronunciado em sessão das Câmaras Reunidas da Corte de Apelação e publicado no Jornal do Comércio de 16 de setembro de 1918, acentua com felicidade a elegância alguns dos traços mais vivos de sua personalidade.

O valor moral de Inglez de Souza se há-de afeirar da sua própria vida, toda feita de esforço próprio e continuado labor, sem o apoio e proteção de ninguém, e, sobretudo, sem reclamações, sem glórias; antes, pelo contrário, sempre se cercou, em todas as circunstâncias da vida, de uma recatada reserva, de uma modestia natural e ingênua que lhe emprestavam aos atos uma inconfundível elegância moral. "De seu valor intelectual dizem bastante as suas obras. Para afeirar-lhe, porém, o valor moral, lembremos apenas dois fatos.

Tinha vinte e oito anos incompletos, e pelo ministro Saratun, penadiz em eleição direta, fora nomeado governador de Sergipe, onde de próprio partido liberal se achava dividido, os ânimos muito exaltados e a guarnição local revoltada.

Chegou, tomou posse, prendeu a guarnição que reineteu para a Baía, realizou com absoluta liberdade e plenas garantias a primeira eleição direta, recebendo em recompensa dos serviços prestados o ofício de Juiz de Direito e o serviço de juiz de Direito, principalmente a instrução pública, e deixou pago e em dia o funcionamento que se achava em atraso de muitos meses.

Tinha já 38 anos, numerosos filhos e modesto pecúlio, resultante da liquidação precipitada de seus negócios em S. Paulo. Muda-se para o Rio de Janeiro, onde, a bem dizer, não conhecia ninguém, em rodar a sua carreira de advogado. Para o exercício de advocacia, se partidos, sem empregos, sem se encaixar a ninguém. Foram três anos de luta, de dificuldades sem cont de limitada paciência. Mas venceu: a sua reputação de grande advogado se irradiou por todo país; a seu escritório vieram a maioria das principais questões que se debateram nos tribunais brasileiros, nestes últimos vinte anos.

Não sei dizer se foi precoce ou tardio. Aos 14 anos de idade, copiou-lhe o diretor do colégio e, que assistia as Obras Completas de Herculanio Marcos de Souza. Havia um romance — Felipe — de Moquette, um drama — A Justiça de Deus —, poemas heróicos — Os Lópias —, alusivos aos paraguaios; e todo um caderno de poesias líricas e heroicas.

Tinha memória rica e fiel, não só para a poesia e a história, sendo também para a música: adivinha muito com o cor, muitas adivinhas, muitas poesias, trechos de letras de óperas e óperetas, muitas...

(Continua na página seguinte)

Um estudo de Olivio Montenegro sobre o romancista do Missionário

Mas o público tem a sua fantasia que nem sempre combina com a fantasia dos melhores autores. O seu gosto é mais graduado: o sentimento do que pela imaginação — refinado pela experiência sensual, que tem um crivo grove e não pela cultura. Ordinariamente a ficção que mais o seduz e excita é a que excita a sua mentalidade: a que o comove a riso ou até à lágrima. Isto

(Continua na página seguinte)

OSCAR LOPEZ

Duas páginas de Araripe Junior A vida é de cabeça baixa

sobre Inglês de Souza

ALVARO MOREYRA

DE NOITE, DOIA

Mais de uma vez, Araripe Junior, que é um dos maiores críticos do Brasil tem tido, escrevem acerca de Inglês de Souza. Aqui transcrevemos dois dos seus estudos. O primeiro consta do seu exaustivo trabalho *Literatura Brasileira — Movimento de 1903*. É uma análise do livro *Contos Amazônicos*, da autoria do autor paraense. O segundo é um prefácio que Araripe escreveu para o *Missionário*, quando esse romance apareceu em segunda edição, na casa Laemmert & Cia.

Eis os dois trabalhos:

OS CONTOS AMAZÔNICOS

Nos *Contos Amazônicos* não encontramos um só esboço de mulher, que anime a voluptuosidade, nem uma cena em que o autor se mostre preocupado com a pimenta moderna da pornografia.

O autor do *Missionário*, que possui excelentes dotes de narrador, é um naturalista, um grande observador. As suas qualidades mais notáveis são o amor da natureza, a perfeita identificação artística com o meio em que se agitam as suas personagens, e a compreensão exata do movimento histórico da região, aonde se desenvolvem as cenas dos seus contos. O seu talento imprime-se de um modo singular da paisagem e da vida amazônica, de sorte que as suas narrativas, sem artifícios e muito despreocupadas, desenrolam-se com volubildade, e encantadoras, inspiram no leitor o mesmo interesse que inspiram trechos de memórias sobre acontecimentos clássicos da história do Para. Os costumes nacionais se esboçam com relevo, e o caráter do povo e das personagens lendárias das ribeiras nada deixa a desejar pelo lado estético.

Nos *Contos Amazônicos* a maior parte das lutas narradas referem-se ao nefasto período da Cabanagem de que Raulo nos deu tão curiosos relatos no seu livro *Motins políticos*. Como se sabe, o período da história do Para que decorre de 1830 até 1835 é, talvez, um dos mais ricos em episódios que se encontram nos anais de nossa terra. As paixões políticas e até as de raça tomaram então um incremento desesperante. O nacionalismo assumia ali formas imprevisíveis, e o encontro das raças, na luta entre o português e o tapuia, no momento crítico da formação da nacionalidade brasileira, proporcionou a constituição de tipos extraordinários e pitorescos, que perduram na imaginação do povo. Portugueses e tapuias tiveram os seus heróis assim como os seus tipos ferozes. Entre eles surgiram também mestiços e figuras intermedias, cujos nomes ainda são hoje lembrados, uns com admiração, outros com pavor. Os vultos de Eduardo Angelim dos Vinagros, do conego Campos, de Malcher, de Jales, são esperanças que o romancista os fixe numa tela de largas proporções para que se tornem tão suntuosos como os mais celebrados das literaturas estrangeiras. O meio bárbaro, em que estes tipos se formaram, é um dos mais propícios para o desenvolvimento de cenas dramáticas. Basta transportarmos a ele pela leitura dos documentos oficiais para que, inflamada a imaginação se reproduzam em nossa mente os lineamentos das trajetórias primitivas. Foi aí que Inglês de Souza colocou os seus personagens, e do encontro das nações de homens civilizados com a rudeza dos ignorantes habitantes dos sertões soube tirar efeitos comovidos, sem artifícios, e sem o empre-

go das ficções da antiga arte romântica. Em quase todos os seus contos sente-se, quanto nada, ao longe, o rugido de Cabanagem e a repercussão do sobressalto político na alma de todos os seus interlocutores. Os caracteres, portanto, que no livro são postos em evidência, medem-se pela bitola do Rebele, história melancólica de um emigrado pernambucano, que se retirara para o Amazonas em consequência dos sucessos de 1817.

A fisionomia de Paulo da Rocha, um dos soldados do capitão Domingos José Martins, como se pode ver de uma leitura atenta do livro, foi copiada do natural. O romancista observou-o e recolheu a legenda, que a imaginação popular amazônica criou em torno deste personagem misterioso o qual, por ser um vencido e proscrito, vivia retirado do mundo e, portanto, se constituiu o cabide em que o novo circunvizinho se apraz a pendurar tudo quanto lhe vinha a fantasia. Nas regiões do extremo norte não são raros indivíduos como estes; e quase sempre em torno deles se passa um fenômeno que a mitologia já explicou. Estes indivíduos atraem a mentira e tornam-se centros de verdadeiras crenças, a que muitas vezes permanecem completamente estranhos. A sua tristeza e o seu recolhimento bastam como ponto de partida; o resto fica por conta da inventiva maligna do vulgacho. E então cãse o que eu chamarei um crime estético inconsciente: o povo, procurando expurgar-se dos crimes que são seus, colhe todas as maldades que constituem a atmosfera moral da região, atribui tudo ao pobre e inofensivo exilado que teve a infelicidade de reunir em si a feição e os gestos de bode expiatório do lugar. O Paulo da Rocha do conto é um destes tipos. Experimentado pelas contingências da vida e ainda mais vilificado pelas torturas de uma revolução, deixara que a bondade baixasse sobre sua alma; e a resignação depois ensinara-lhe a viver socegado, fora do movimento das cidades; esta higiene moral, porém, não fora bastante para prevenir a agressão do espírito onzeiro do povo, que não podia enxergar nesse velho senão uma consciência repleta de remorsos por assassínios e um representante legítimo do genio do mal, que no vale do Amazonas gerara todos os maléficos da Cabanagem. Semelhante ao murcunutu, que da cima dos telhados faz medo às crianças, o velho Paulo da Rocha aparece nessa pequena história como o terror das gentes. Entretanto, esse velho mulato, que aprendera praticamente direito público em 1817, na revolta de Pernambuco, e que sabia o que significava uma guerra civil, tendo lá lhe experimentado as traléias e os perigos; esse velho mulato, quando a tapuiada começou a devastar o vale do Amazonas, não foi cabano, nem foi partidário dos marinheiros, porque tivera tempo de penetrar o segredo da perversidade que agitava a uns e outros, de revestir-se de coragem para esparar o embate das duas ondas perigosas, e de assistir ao dilaceramento das suas mais caras afeições. Inspirando-se nesta situação psíquica e naturalíssima, Inglês de Souza desenrolou no pequeno conto um drama que é um primor.

Outras cenas não menos vitórias se toparam no volume de lendas, mais ou menos inspiradas pelos mesmos sentimentos. A *Quadrilha* de José Patato, por exemplo, que se baseia em um episódio histó-

rico, muito conhecido de todo paraense, põe em relevo um tipo desconhecido no romance brasileiro, — o pirata d'água doce. Muitos julgarão que o fato narrado tragicamente naquele conto seja imaginário. Pois é certo que no Para houve um pirata, que praticou por sua conta nas águas do grande rio horrores iguais aos que os cronistas narram dos argelinos ou dos antigos filibusteiros das Antilhas. José Patato existiu e os fatos de perversidade de que os documentos históricos lhe atribuem seriam suficientes para criar-lhe no romance uma fama superior à dos bandidos do mar desertos por Fenimore Cooper e Eugénio Sue.

O MISSIONÁRIO

A última parte do romance proporcioneira ao dr. Inglês de Souza mostrar toda extensão do seu talento de paisagista. Em verdade não conheço livro escrito por brasileiro em que a natureza tropical apareça representada com tamanho esplendor.

Se Chateaubriand não estivesse fora da roda, eu diria que havíamos encontrado o nosso Chateaubriand, um Chateaubriand à moderna, não a maneira de Pierre Loti, mas naturalista, observador, ao mesmo tempo psicólogo e otimista. Digo otimista intencionalmente, porque um americano não pode ser senão otimista, maxime quando se volta para a terra natal, um tanto esquecido de que tem nos livros torturados da decadência européia. Ao contrário do autor de *Atala* o dr. Inglês de Souza não foi buscar na contemplação da natureza amazônica a confirmação de um estado da alma merencório e triste. A sua paisagem é opulenta, variada, por vezes solene e misteriosa; muito colorida e fulgurante; mas não pesa sobre ela a preocupação do vago infinito, do simbolismo divino e a tortura do problema eterno; antes pelo contrário, avivam-na a cada passo os hinos da alegria, os festivais da vida dos tropicos, e se nela existe alguma preocupação, é a de atingir a intensidade máxima da força.

René chorava e entenebrecia-se quando, perdido nas margens do Mississippi ou dos grandes lagos ignorados, ouvia o remear leuquingo da calatrata do Magara. René, alma solitária e apaixonada, velava-se de luto e suspirava dolorido, quando a lua no deserto se tingia vagarosa por cima da copa das arvores, lançando uma claridade azul e aveludada sobre as savanas, onde a elva dormia imóvel e orvalhada. Pedro Antônio, pelo contrário, se perde a alegria, é momentaneamente, por cansaço, por sobressalto. Apenas toca-o um aspecto novo, reaparece a energia. O seu temperamento engolfava-se, e a sucessão de aspectos determina uma série quase ininterrupta de deslocações febris de atividade. A paisagem, portanto, como complemento psicológico das determinações volitivas, reproduz-se na imaginação do personagem como um agente poderoso, benéfico e rejuvenescente. As regiões bravias do novo mundo do dr. Inglês de Souza, longe de amargarem o espectador difundindo-lhe um sentimento moribundo, angustioso e melancólico, uma tristeza incurável seguido Deus entusiasma-o e inaprim-lhe uma nova crença na vida e no amor.

Tudo isto põe bem claras as tendências do romancista. A sua imaginação, embora muito amorosa da natureza morta tem a ventura de estar atada a uma sensibilidade equilibrada e perfeitamente imune daquela célebre doença "que

(Continua na página 39)

Ao fundo, na parede branca, um crucifixo que as lâmpadas de gás faziam estremeecer, e um púlpito de onde os olhos de um padre vigiavam. Pequenas carteiras, em seis filas, entre as janelas, por toda a sala. Vultos adolescentes debruçados sobre livros. De quarto em quarto de hora o relógio batia. Único rumor no silêncio da noite. Não me lembro do vento. Não me lembro da chuva. Mas de certos sábados em que músicas perdidas, vozes de serenatas distantes subiam e cantavam em mim...

O MEU AMIGO JACINTO

Jacinto Godoy Gomes, que hoje trata dos doidos em Porto Alegre, foi meu companheiro em São Leopoldo. Formou-se antes. Esteve de visita lá, um domingo. Depois me mandou este soneto:

VISITA AO COLEGIO

Chego. Puxo o cordão da campainha.
Ouço a tocar. Assim é que tocava.
E' o mesmo som de outrora que ela tinha
Quando, triste, das férias eu chegava.

Recebe-me o porteiro. Ainda é o que vinha
Abrir-me a porta e alegre me contava.
As coisas novas que o collegio tinha,
Quando, triste, das férias eu chegava.

Entre e por tudo o meu olhar caminhava.
Nada mudou. Quem disse que mudava?
Nem o porteiro. Nem a campainha.

Só eu. Só eu. Se pudesse, chorava.
Pois já não trago as ilusões que tinha
Quando, triste, das férias eu chegava...

Este soneto tem trinta e sete anos.

A PRAGA

Recebi-a da boca do professor de matemáticas que também lecionava história natural, matérias em cujos exames, por especial indulgência, fui aprovado com grau 1. Chamava-se Rick. Era apavorante: muito comprido, muito magro, muito feio, e sabia tudo. Na galeria do pátio, os mestres, alemães e amáveis, se despediram dos alunos. A cada um dos que haviam terminado o curso, murmuravam palavras sem consequências, reproduziam votos de venturas e triunfos. A mim, orador da turma, o poeta do collegio, ator aplaudidíssimo nos espetáculos da festa do Reitor, de São Luiz Gonzaga, do fim do ano, iam profetizando, à medida que me abraçavam, futuros maravilhosos. Cheguei ao padre Rick, o ultimo na porta quebra. Ele derramou as mãos, cabeadas em cima dos meus ombros, fincou os olhos gelados nos meus olhos, perguntou:

— Endon, Morrera, que val fazer agóra?
Respondi, tremendo, que pretendia estudar Direito.
— Direitito!

Abrui-se de alto a baixo, numa terrível gargalhada. E com a recordação de que eu nada tinha sido nas aulas dele, concluiu:
— Val, Morrera, val! Nunca serra nada na vida!
Vim. Somei idade. Não entendi mais da vida do que entendi das matemáticas. Continuei a preferir as histórias artificiais às outras histórias.

Nosso Senhor já chamou o padre Rick para classificar as plantas dos jardins suspensos do Paraíso e ensinar geometria no espaço. Eu fiquei. Fiquei com aquela praga, que foi só o que aprendi com ele...

ESTAS COISAS

Lembranças... Folhas de diários... Instantes... Alguma paisagem... Muita gente... Monólogo. O monólogo de Hamleto, que se esparramou de Hamleto num país claro, apesar de tudo. De Hamleto que não morreu na idade de deixar um retrato melhor. Educação sentimental. Primeiras realidades. Mudanças. Encontros. Alegrias. Aborrecimento. Ilusões substituídas. Personagem e autor, juntos num homem, fora de cena. Um homem. Às vezes, contente. Às vezes, tristonho. Sempre simples. Por acaso, de quando em quando, perverso. De propósito, em geral, tolerante. Um homem. Um homem surpreso. Sem razão aparente. Com qualquer motivo oculto. Como um cego que tapa os olhos com a mão.

AS CRIANÇAS SABEM...

O primeiro desejo que me alvorcou neste mundo — o primeiro guardado na minha memória conciente — foi um chicote. Um chicote cor de marfim, lido, cheio de flores lavradas no cabo de prata. Estava bem no centro da vitrina, na rua de Bragança. Eu descia com meu pai. Parei de repente.

— Oh!

— Que é?

— Eu quero esse chicote.

— Meu pai olhou para mim, espantado:

— Para quê que tu queres um chicote?

— Eu quero.

— Não. Vamos embora.

Insisti:

— Eu quero!

— Não!

Chorei:

— Eu quero! Eu quero!

Fiz um escândalo.

— Não e não! E trata de calar a boca!

Não ganhei o chicote. Trateti de calar a boca. Há tanto tempo...

POESIA

Memino, conheci sete Marias. Três que estavam na terra.
(Continua na página seguinte)

A VIDA DOS LIVROS

SALVADOR DE MENDONÇA - MUCIO LEÃO

(Da Academia Brasileira)

A figura de Salvador de Mendonça tem ficado sempre em es-
quecimento no Brasil. E para isso
há de mais de haver certa razão.
Tendo vivido no Rio e em São
Paulo durante a adolescência e co-
meçando a escrever aos 34
anos, ele se transferiu aos Estados
Unidos, onde assumiu as funções de consel-
heiro jurídico, primeiro, em Baltimore
e depois, chegou a estar, depois
de Nova York. Até então, não ti-
nham tempo para criar uma obra
literária sistemática e perdurável.
Foi obrigado a trabalhar inten-
samente para viver, dispersando-se
em esforços estérteis, como profes-
sor de matérias secundárias e co-
mo jornalista de atuação política,
nas duas capitais. É verdade que
publicou algumas poesias, em jo-
rnais e revistas. É verdade, tam-
bém, que se multiplicaram os tra-
balhos de livros franceses. É al-
tamente verdade que publicaram um ro-
manço.

Por pouco cessa, porém, para dar
a vida da perfeitura de seu talento
de escritor.
Tudo para os Estados Unidos
reunindo o contato com a sua
terra e com a sua gente, abando-
nando quase completamente a ativi-
dade literária. Começou a tratar
pontos dos assuntos pertinentes à
economia e à política internacio-
nal. E os livros, os discursos, os
artigos, até que regressou ao Bra-
sil, já quase ao raiar do século
vinte, para os trabalhos de real inte-
resse para os estudiosos de temas
sociológicos, mas desprovidos quase
completamente de interesse para o
leitor de obra puramente literária
ou crítica.

No estudo da figura literária de
Salvador de Mendonça, parece-me
necessário fixar, sucessivamente,
a figura do poeta, o autor de fic-
ção e o bibliógrafo, o escritor po-
lítico e memorialista.

JORNALISMO

Foi esse jornalista que alvorece-
u o trabalho de Salvador de Mendonça.
Ele viveu sempre ao lado das
letras, e aos 16 anos já se agra-
pava com Machado de Assis para
colaborar em uma sociedade lite-
rária no Rio de Janeiro. Era no largo do
Rio, em frente à casa Paula Bri-
to. Havia ali dois boncos rústicos.
Nos tardes de sábado, reuniam-se
aí os jovens do bairro de São
Paulo, que trabalhava para Paulo
Brito. Manuel Antonio de Almeida
era seu colaborador do "Correio
Mercantil" e autor das "Memórias
de um sargento de milícias".
Foi assim de Abreu, que era en-
tonces uma casa de comércio. Hen-
rique Cesar Muzio, um certo José
Almeida, que escrevera um
"Luzinhança", classificado como
"brasileira" por Salvador de Men-
donça, e o próprio Salvador de
Mendonça. A esse grupo, às vezes
vinham juntar-se outros escritores.
Não raro aparecia Joaquim
Blumen de Macário, com a sua au-
toria de grande romancista do mo-
mento. Outras vezes vinha Gon-
çalves Dias, "com o seu corpo fa-
rallado". Outras vinha Porto
Alegre, "com seu físico de urso e a
perfeita jovialidade da saúde da al-
ma e do corpo."

É a esse tempo que Salvador
tenta o primeiro trabalho literá-
rio. Faz, então, uma peça em qua-
tro atos e oito quadros, intitulada
"O Boto". É uma adaptação de
Alexandre Herculano. Apresentado
no Conservatório Dramático Bra-
sileiro, o drama teve parecer favo-
rável. Nunca foi representado, po-
rém, e esses originais, tanto quan-
to hoje saber, estão perdidos.
Podemos, pois, datar de 1889, da
sua estreia no jornalismo paulista,
as primeiras manifestações do ta-
lento literário de Salvador de
Mendonça. E no decorrer do seu
curso de acadêmico de Direito que
ele se vai adestar como jornalista.
Além de colaborar na "Re-
vista Mensal do Ensino Filosófi-
co", publica trabalhos no "Kalei-
doscópio", e na "Atualidade", no
"Diário do Rio de Janeiro", no
"Correio Mercantil" e na "Revis-
ta Popular". É a essa atividade
jornalística que convém referir a
"Reverência", o panfleto que, as-
sistido com o pseudônimo de "De-
molito", Salvador publicou em
1894. Foi durante uma aguda crise
política, promovida por Teófilo
Ottoni, que Salvador redigiu o ar-
tigo a que deu o título de "Rege-
neração". Quis lá-lo ao seu amigo
Pêlo da Cunha, e para esse fim se
dirigiram à redação do "Correio

Mercantil". Entraram no compor-
tamento mais apropriado para esse
leitura, e, enquanto Salvador lia,
o velho Cesar, que era adminis-
trador e caixa da folha, ouvia do
lado de fora. Quando a leitura
acabou, o velho Cesar se dirigiu ao
moço jornalista: "Vamos tirar es-
se artigo em forma de folheto, que
se me comprometo a vendê-lo a
todos os compradores do 'Cor-
reio'". Saiu "como cancela." Sal-
vador concordou — e conseguiu
vender dois mil exemplares do seu
folheto. Foi o primeiro conto di-
reito que a sua pena lhe rendeu.
E no período de 1897 para 1899
que se registra a sua grande ativi-
dade no "Ipiranga". A princípio
foi seu companheiro, ali, Candido
de Andrade e Ferreira de Menezes.
Um ano depois, porém, é ele o ú-
nico proprietário da folha, que abri-
va em suas colunas trabalhos de
José Bonifácio, Martin Francisco,
Antonio Carlos, Bernardo Galvão
e Américo Brasiliense.

Formando-se em 1899, de São
Paulo, e abandonando assim a di-
reção do "Ipiranga". Seu último ar-
tigo ali é classificado por Salva-
dor de Mendonça como "o batismo da
proclamação republicana".

Mudando-se para o Rio, Salva-
dor de Mendonça funda, pouco de-
pois, com Quintino Bocayuva, a
"República". É dos dois a redac-
ção do "Manifesto de 70", do qual
tudo um capítulo — o referente à
"Verdade Democrática" — é da
autoria de Salvador.

Segundo cinco anos depois para
os Estados Unidos, ele deixa a at-
ividade efetiva nos jornais. A ele
voltará intermitentemente, para
redigir, no "Cruzeiro" e no "Diá-
rio da Bahia", crônicas de assuntos
americanos, e para publicar, na ve-
lhoce, nas colunas do "Brasil", do
"Jornal do Comércio", do "Impar-
cial" e do "Estado", seus admirá-
veis artigos de reminiscências pe-
ssoais, seus estudos contendo aná-
lises da situação internacional do
Brasil. E dessas colaborações da
última fase que lhe nascem dois
livros de documentação preciosa —
"O Ajuste de Contas" e a "Situa-
ção Internacional do Brasil". Des-
sas colaborações lhe ficará, tam-
bém, um livro excelente, que ain-
da não foi publicado — "Coisas do
meu tempo".

POESIA

Como poeta, Salvador de Men-
donça, que parece ter feito a sua
formação intelectual nos livros de
Gonçalves Dias e Casimiro de
Abreu, é um legítimo continuador
dos românticos. Seus versos do
momento, que se encontram per-
didos em velhas coleções de jornais
e revistas do Rio e de São Paulo,
revelam aquele extenuado e mor-
tificado sentimento (ou falta de sen-
timento) que caracterizou (ou des-
caracterizou) os nossos poetas de
1870 a 1880 — exceção talvez úni-
ca de Castro Alves. Esses poetas
do fim do romantismo não faziam
mal do que ecoar, em centésima
dilução, o que antes deles já fora
infinitamente dito. Até mesmo na
disposição das rimas (ali! aquelas
rimas internas nos motivos de-
sossabados, que eram tão do sabor
dos poetas dessa fase!) Salvador
foi um representante da cansa-
dissima cantiga dos últimos ro-
mânticos.

Seria injusto, porém, condenar
de forma sumária e completa to-
da a sua produção de poeta. A
verdade é que há em seu estro as-
pectos que o distinguem, e cum-
pre-nos por em destaque esses as-
pectos. Há, por exemplo, o seu im-
enso sentimento da terra, da gen-
te, da paisagem do Brasil — algu-
mas coisas que hoje, eu creio, consu-
mam chamar sentimento de bra-
sileiridade.

Como poeta, Salvador de Men-
donça estreou-se em 1859, na "Re-
vista Mensal do Ensino Filosófi-
co", publicando um longo poema
intitulado "Singular", e que tin-
ha como sub-título — "Lenda da
Margem do Pirai". É um episo-
dio da formação do nosso país.

Esse gosto por uma poesia ins-
pirada em puras fontes brasilei-
ras foi constante em Salvador de
Mendonça. E ele o revelou lá-
cidamente, quando regressou à poesia. Suas
vezes que regressar à poesia. Suas
"Lendas de Serra e da Baixada",
das quais temos duas publicadas
na "Revista da Academia" — "As
Flechas de Calugé" e "João Cabo-
cio" — são altamente penetradas
desse mesmo sentimento brasilei-
ro. A primeira encerra a história
de D. Alvaro d'Ouças, aparentemente
com os Drummonds, família a que

pertencia Salvador. Esse D. Al-
varo d'Ouças, senhor de Calundú,
Lobos e Gurupira, tinha como vi-
dinhas duas lindas meninas, Be-
ralda e Mariana, filhas de D. Al-
da, senhora de Calugé. Apaixo-
nou-se por Beralda, mas teve a
desgraça de fazer-se amar de Be-
ralda e Mariana. Quando as duas
irmãs verificaram que estavam vi-
vendo tal drama, tornaram-se mu-
to infelizes. D. Alvaro também
pode compreender a infelicidade
da situação em que se encontra-
va. E para tanto sofrimento só de-
seu-riu uma saída: despediu-se de
D. Alda, de Beralda e de Maria-
na, e partiu para uma guerra que
devastava o Sul. Ali morreu, na
batalha de Ituzingão. E a sua fer-
tuna ele a legou às duas moças,
que se ficaram fideles, e a legou
para que elas pudessem fazer al-
gum bem aos desgraçados.

Oh! terra do meu berço e minha
[modidade,
Ainda além da morte irá minha
[saude.

— faz Salvador de Mendonça ex-
clamar ao seu personagem desen-
tado, no momento em que parte
para ir procurar a morte, nos pa-
pas. E essa exclamação parece
bem adequada ao poeta que, vi-
vendo longe da terra natal, nas
grandes cidades maravilhosas dos
Estados Unidos, nunca deixou de
ter os seus olhos presos numa cer-
ta região do planeta ainda mui-
to primitiva. E essa região, como
ele a descreve amorosa, interme-
dicamente! Vejamos, no poema de
"João Caboclo", como é que Sal-
vador de Mendonça vê a floresta
brasileira:

"A mata alumiada era densa e
[frondosa.
O ipê de flores de ouro, a canela,
[o pau-rosa,
O cedro perfumoso, a peroba, a
[laurina,
O roxo guarubá, a esbelta ca-
[bina,
Erguiam para o céu as frondes
[altaneiras;
Mas a fronde maior, primeira en-
[tre as primeiras,
Tinha-o o jequitibá, monarca da
[floresta,
Tão grande e senhoril que com as
[nuvens entesta.
Que séculos vivera e gerações
[contara,

Diziam-no seu porte e a velha
[lancetara
Que do tronco em redor aprofes-
[proibia.
Nesse adito da selva o gigante
[surgia.
Dentro os longos cipós distendi-
[didos, espulso,
Dir-se-lam cordame em mastro
[de navios.
Por fora o taquari, as cecropias,
[os fetos,
Os acetos fechando, abafavam os
[netos,
Os filhos, toda a prole anã desses
[gigantes,
Que subiam do solo crestos, arro-
[gantes,
Falange de Titãs de novo con-
[grigados.
Para escalar os céus, como em
[tempos passados...

Esse poema de "João Caboclo"
é, sem dúvida, das melhores pági-
nas que a nossa poesia ainda
criou, nesse gênero de descrição da
natureza tropical. — João Cabo-
cio era um escravo, respeitador do
seu senhor, pronto a cumprir todas
as ordens dele, como ordens em-
anadas de Deus. Amava, porém, a
floresta em cujo seio nascera e vi-
vera. Era um poeta natural, um
desse para os quais as árvores
tem voz, as aves tem voz, todas
as vezes iluminadas tem uma vi-
da igual à dos homens. Ora, certo
dia seu senhor o chamou, e man-
dou que ele fizesse uma derrubada
na floresta. Capaz de ouvir as vo-
zes das coisas, João Caboclo com-
preendeu a queixa das árvores, e
sentiu quanto seria monstruoso de-
vastá-las. Voltou à presença do
senhor e pediu piedade para os
vegetais. O senhor o amaldiçoou
por trechos castigos e o fez voltar
para cumprir as ordens recebidas.
Voltou o escravo, e se pôs a der-
rubar as árvores, como lhe era de-
terminado. Mas as vozes dos vege-
tais continuavam a soar em seus
ouvidos, em queixumes cada vez
mais dolorosos. E ele regressa à
casa do senhor, para de novo pe-
dir misericórdia para as árvores.
Recebido pela esposa do patrão, es-
ta lhe disse que o marido estava
intransigente, sem haver nenhuma
hipótese de perdoar a floresta que
resolvera destruir. Que se tra-
tasse, portanto, de cumprir as or-
dens recebidas, sob pena de algum
terrível castigo. João Caboclo vol-
tou, cheio de negras nuvens na
alma. E ela agora o fim do poema:
"Chegou por fim setembro, e mês
[dando às queimadas,
E ateado o fogo a todas as árvo-
[das,

PROGRAMA DE VIDA



Na próxima vida, eu quero.
[ser:
primeiro, filho de mendigo;
depois, vendedor de jornais;
depois, funambulo de circo;
depois, tocador de saxofone...
E quando ficar velho, hei de
[ser
guarda de jardim;
mas, não como esse velhote
que anda de mãos para trás,
de boné puxado para o olho,
a negacear idílios.
Ah! quando eu for guardá
[de jardim,
os namorados ficarão con-
[tentes;
não me esconderei atrás das
[molhas,
nem usarei alpercatas de
[tenis;
vocês poderão amar-se
loucamente,
à sombra de ouro dos ipês
[em flor.

Alastrou-se o incêndio, enorme,
[trubou, irado,
Qual uma força nova a surgir do
[incendiado.
Largos laquerrussos os estouros
[ferrentavam,
Troncos órcs troando, os rcos
[incendiavam.
Colunas de fumaça em espirais
[rescoras,
As labaredas nã serviam de mol-
[duras.
Outras iam pro ar como cargas
[de obuses,
E compunham em cima as arca-
[das em cruces.
Ergueu-se um furacão, surgiu um
[trêmoinho.
Na cabeça do vale, à beira do ca-
[minho,
João Caboclo, após atear a col-
[vara,
Que pusera entre o tronco e a ve-
[lha canseira,
Abraçou os seus cães, o Leão e a
[Leão,
E tirando da cinta a faca larga e
[larga,
Ali os degolou com dois golpes cer-
[teiros.
Depois, tomando os dois lan-
[çou-os nos brazeiros.
Depois, pelo girai, ganhando o ve-
[lho tronco,
Soberbo pedestal informe, aspe-
[te bronco,
Sua obra contemplou, ate que, en-
[volto em fuma,
Viú subir em redor a labareda
[prunco.
Novo Laocónte, as serpentes de
[lechara
Vão sufocar a dor que na alma
[lho deturra.
O ferro matricídio, e o seu rean-
[do torro
O seio a lhe rasgar como um bico
[de corvo.
Por trás do Morro Grande em
[meio das colinas
Só havia depois escombros e rui-
[nas.
Restos monumentais de sagrados
[recintos
(Continua na pág. 63)

AFONSO SCHMIDT

Variações sobre um mito

ONESTALDO DE PENNAFORT

De todos os mitos que fecundam a imaginação dos homens, nenhum mais consolador do que essa imagem de um quimérico país onde a vida corre feliz e descuidada e onde tudo é belo, harmonioso e gratuito.

Por isso mesmo, nenhuma outra tema tem inspirado tanto e com tanta felicidade aos poetas e aos artistas em geral. E que em nenhum outro corresponde tão diretamente à nossa realidade dolorosa, como a ideia desse eden abstrato e arbitrário onde cada qual pode situar, a seu bel prazer, tudo aquilo que lhe parece constituir a ventura.

Sonhar ainda é a melhor forma de viver a realidade. E a verdadeira subdócia talvez consista, não em se saber transformar o sonho em realidade, mas a realidade em sonho.

Se a vida é má, se a sua vulgaridade nos desgosta, partamos então para a nossa imaginação nos diz: existe outro mundo melhor e mais belo. Fazemos todos como nos aconselha Mallarmé:

Fuir! là-bas fuir! Je sens que des oiseaux sont libres
d'être parmi l'écumé inconnue et les cieux!
Je partirai! Steamer balancant sa mâture,
J'ave l'ancre pour une exotique nature!

Por uma associação muito explicável do nosso espírito, diante do mar é que mais se torna imperioso em nós esse desejo de fugir, de transpor os limites do conhecido, de mergulhar "au fond de l'inconnu pour trouver du nouveau".

O mar já me tentou; aspirações fogosas
faziam-me idear fantásticas viagens.

Glencalves Crespo. E Paul Valéry: "Das ideias muito simples e como que em estado de nudez, nascem da onda e do espanto. Uma, de fugir; fugir por fugir. — ideia que engendra uma estranha inulação do horizonte, um salto virtual para o além, uma espécie de voo ou de instinto cego da partida. O mar cheiro do mar, o vento salgado que nos dá a sensação de respirarmos a distância, a confusão colorida e movimentada dos portos, comunicam uma inquietação maravilhosa. A outra ideia e talvez causa profunda da primeira. Não se pode desejar fugir sendo aquilo que se recomeça. A repetição infinita, a brutal federação obstinada, o choque monótono e o estribilho idêntico das ondas marulhando sem repouso nos limites do mar, inspiram a alma, fugitiva de prever seu ritmo impenitente, a noção obscura do "eterno retorno". Mas no mundo das ideias, o eterno não perturba o poder; a poderosa e insuperável impressão de um eterno recomeçar se transforma em desejo furioso de romper o ciclo eternamente futuro, aqueça uma sede de espumas desconhecidas, de tempo virgem e de acontecimentos infinitamente variados."

* * *

Mas esse país encantado e misterioso, cuja imagem enriquece o fabulário de todos os tempos, desde a Idade Média (para não rememorar a página solene e trágica que é a caravana dos hebreus, através do deserto, em busca da canaan dos seus sonhos, cujo vulto se prolonga na concepção paradisíaca do cristianismo, segundo a qual o céu é também um país de canchanha, de bemaventuranças eternas), — tem tido as mais variadas denominações, através dos tempos.

E o país de "Cocagne" dos franceses, cujo nome, conforme alguns, se formou, não do napolitano "cuccagna", nem do provençal "cocanha", mas do epíteto de Lavangui, no alto Languedoc, advindo da enorme quantidade de "coques" de pastel que ali se preparava e cujo comércio enriqueceu toda aquela região.

Para Boccaccio, chamou-se esse país fabuloso a terra de "Bengodi", paraíso de glútiões onde "si le vigne con le salvice", como antes se chamara "Panchata", para Vergílio, e "Atlantida", para Platão.

Com a descoberta do novo mundo, porém, passou a se chamar "El-dorado", fictício eden terrestre em que, pela abundância do ouro existente nada custava dinheiro — e onde tanta coisa espantosa e maravilhosa o bom Candide, que, como Epiuro, era "doux et affable à tout le monde".

A "Ilha dos Amores", — gracioso friso erótico que borda a ação heroica de "Os Lusíadas", — é outro país de delícias para onde a nossa imaginação se compraz em nos transportar e, segundo João Ribeiro, o mais lírico, o mais belo e portentoso dos países fabulosos.

* * *

O maior poeta da França do século XVIII, que era, para os Goncourt, o pintor Antoine Watteau, foi o primeiro a tratar, pictoricamente, de modo intencional, esse tema de todos os tempos e que é eterno porque é profundamente humano. Quem não conhecerá o seu celebre quadro "O Embarque para Citera", tão vulgarizado pela gravura, — obra que comunica uma estranha sugestão de sonho e que pinta a partida de quiméricos peregrinos para essa outra terra ideal da ventura e do amor, que é a mitológica ilha de Venus?

"Diante desse quadro", — diz Maclair — "não sabemos onde nos encontramos; e verdadeiramente o país da quimera, fora do tempo e do espaço. Dessa série de figuras que se nos apresentam de costas ou de três quartos, umas se quedam pensativas, como suspensas; outras se abraçam com gestos indecisos; outras desceram ao fundo, voltando a cabeça, como sandosas de uma visão. E sem clamores que se dirigem para a salera dobrada que as levará para a ilha encantada. E dessa ilha, que sabemos nós? É a que está a felicidade?"

A própria atmosfera de malencolia difusa e de ansiosos vapores que se exala dessa tela, é já uma preparação para um extravasar da fantasia...

Aliás, predecessor de certo modo, de Watteau, no transportar para a tela e com o mesmo rago mistério, a imagem de um país fora do tempo e da realidade, onde a vida é um "dolce far niente", uma partida de desinteresse, foi o mestre Giorgione, com o seu famoso quadro "Concerto Campestre", cujas personagens, em arcádica e graciosa colina, que domina uma paisagem feita "à propos", junto de um velho poço se ocupam em segurar delicias e nitorescos instrumentos, ou em ouvir, distraídos, o ruído da água a cair de um cântaro que se enche e se despeja indefinidamente na cisterna. Tão descuidadas e fora do

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página 55)
gerava no homem o vago desejo de abandonar a vida para abraçar a natureza e confundir-se com o seu autor na imensidade" (Cf. Faguet: *Etudes littéraires sur le XIX siècle*; V. Delaprade: *Le sentiment de la nature chez les modernes*).

A arte do dr. Inglês de Souza como romancista é simples e a fatura dos seus livros destituida de pretensão.

O sistema de narrar por ele adotado resulta de uma feliz combinação da "maneira" de E. Zola com a de P. Bourget.

Como todos sabem, o autor do *Assomoir* não descorre, nem se ocupa em descrever estados da alma. O seu processo cifra-se em indicar o caráter dos personagens pelas manifestações exteriores como se se tratasse de um drama posto no teatro, tudo isto por meio de épocas sucessivas, sem referências nem explicações, cujos hilos são preenchidos pelo espírito de leitor. P. Bourget, num sentido oposto, desprezando as épocas, faz realçar o drama explorando e explicando os estados da alma, em sua sucessão, de cada um dos personagens e completando-os pelo diálogo.

Fois bem, o autor do *Missionário* funde os dois processos. Depois convenientemente as épocas, depois de escolhidas as situações, e liga-as por meio de recapitulações que se estampam, a título de análises psicológicas, no espírito de cada personagem.

Penso que o processo não provou mal, e que, aperfeiçoado, poderá excluir dos livros, o que aceitarem, a rigidez da narração zolesca, e ao mesmo tempo a subtileza cansativa dos relatos de Bourget.

O futuro do romance brasileiro está nas mãos de alguns cultores de grande talento que apresentam aptidões diversas. O dr. Inglês de Souza, conquanto não se pareça com nenhum deles, tem incontestavelmente direito a sentir-se entre os mestres dos que surgem; e se me é agradável declarar que entre os primeiros romancistas avultam Aluizio Azevedo, o mais apurado discípulo de Zola no Brasil, Raul Pompéia, o primoroso estilista e psicólogo do Ateneu, e Coelho Neto, o sobressaltado fantasista do "Rei Fantasma", ainda mais agradável ser-me-la colocar ao seu lado como um rival seguro do lugar que lhe compete na literatura nacional. O escritor modesto que illustrou a interessante e impercível figura do vigário de Silves

NOTÍCIAS LITERÁRIAS | CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

1 — A Livraria Martins, de S. Paulo, vai publicar uma grande história do Brasil em vários volumes. A comissão por ela designada para dirigir os trabalhos é composta dos sr. Rodolfo Garcia, Afonso Tavares, Gilberto Freyre, Rubens Borba de Moraes, Luiz Camilo de Oliveira, Sérgio Buarque de Holanda e Afonso Arinos de Melo Franco. Outros escritores estão sendo convidados para tomar parte na obra, sendo que já estão designadas as seguintes tarefas: Afonso Tavares estudará a expansão geográfica; Rodolfo Garcia, o povoamento do Brasil; Jaime Cortesão, os primeiros exploradores do Brasil; Gilberto Freyre, a história social; Otávio Tarquínio, a crise da autoridade monárquica na regência; Luiz Camilo, as Minas e os Quilombos de Ouro; Sérgio Buarque de Holanda, o contato entre portugueses e espanhóis; Nelson Veincke Sodré, o Império, etc.

2 — O sr. Afonso Pezoto foi publicado em sua cadeira de professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil.

3 — O escritor gaúcho Viana Moog, autor de "Um rio corre para o Reno" e de tantas obras de ficção e crítica que têm chamado a atenção dos leitores brasileiros, transferiu a sua residência de Porto Alegre para o Rio de Janeiro.

4 — O sr. José Monteiro tem em elaboração um livro sobre Aluizio

Azevedo que, a imaginação das pesquisas e dos estudos feitos pelo jovem crítico maranhense, deverá ser uma obra de real valor.

5 — O escritor paulista Celso J. Carneiro encontra-se atualmente em Michigan, nos Estados Unidos, depois de ter recebido em Nova York o prêmio que lhe coube como um dos escritores sul-americanos laureados no grande concurso que ali se realizou por iniciativa da firma Reinhart Brothers. O nosso pátrio já remeteu os originais do seu romance premiado, que se intitula "Foguinho", para a Livraria José Olímpio.

Tendo estado em Washington, foi Celso J. Carneiro encarregado pela União Pan-Americana de solicitar dos mais notáveis escritores brasileiros dados biográficos e obras para aquela instituição. O endereço para essas remessas é "Angel Flores" — Pan American Union — Washington, D. C.

6 — O sr. Viriato Correia está a publicar três livros: O primeiro é o seu "Tiradentes", a peça de teatro que tanto êxito obteve há alguns tempos. Sairá como edição oficial do Ministério de Educação, e segundo é a coleção de contos "Histórias da História pátria". O terceiro livro, que o brilhante escritor está elaborando, é uma "História do Brasil" para o curso secundário. Esses dois últimos livros deverão sair na Companhia Editora Nacional.

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

Carta de Inglês de Souza a Afonso Celso.

Rio, 25 de dezembro de 1912
Exmo. Antigo Srt. Conde de Afonso Celso

Não sei como possa agradecer ao meu ilustre amigo e colega os benévolois conceitos que, sobre a minha pessoa e o meu trabalho do Projeto do Código Comercial e do Projeto do Código de Processo Civil, emitiu em seu belo artigo do "Jornal do Brasil" de hoje.

A simpatia com que sempre me honrou explica melhor tais conceitos do que o mérito real que possam ter o autor e a obra. Por isso mesmo mais me peço honrar o seu artigo que, graças a sua alta capacidade e competência na assunção, e uma verdadeira condecoração com que deverei envidescer-me.

Queira aceitar a segurança do meu profundo reconhecimento. Aproveito o ensejo para com os meus saudar ao meu ilustre amigo e colega e à sua Exma. Família, desejando-lhe muita boa festa e correntes entradas no ano futuro. Creia-me com a mais elevada estima e consideração.

Seu admirador colega e amigo

INOLEZ DE SOUZA

PARA A HISTÓRIA DA ACADEMIA

O rompimento e a reconciliação de Ramiz Galvão e Salvador de Mendonça

Em 1893, por ocasião da revolta da esquadra, Salvador de Mendonça, que era ministro do Brasil em Washington, manteve uma absoluta solidariedade com o governo constituído de Floriano Peixoto. Do outro lado estava Saldanha da Gama, um dos seus mais diletos amigos — circunstância que em nada o fez mudar de atitude.

Nessa ocasião, Ramiz Galvão, estreitamente ligado a Saldanha, rompeu com Salvador de Mendonça. E, pela "Gazeta de Notícias", de onde era redator, vivamente agrediu o nosso ministro nos Estados Unidos.

Passaram-se os tempos, até que, em 1912, vivendo Salvador de Mendonça no Rio, como apuenteado da diplomacia, se deu na Academia Brasileira a vaga do Barão do Rio Branco. Um grupo de acadêmicos indicou num memorando gesto, à ilustre vaga, o nome de Ramiz Galvão. Surgiu, depois, em contraposição à candidatura do insigne hebraísta, a candidatura de Laurio Muller, que era ministro das Relações Exteriores.

Não obstante estar, havia tanto tempo, de relações cortadas com Ramiz Galvão, Salvador tomou a palavra na Academia e vivamente defendeu a sua candidatura.

Essa atitude comoveu profundamente Ramiz Galvão, que escreveu a Salvador de Mendonça uma carta de extrema gratidão. Salvador respondeu outra carta, de simpatia e reconciliação.

São as duas cartas trocadas naquela ocasião que hoje temos

oportunidade de reproduzir aqui.

Eis os dois interessantíssimos documentos literários:

Rio, 16 de Setembro de 1912.

Exmo. Sr. Salvador de Mendonça.

Não se tendo jamais oferecido ocasião de penitenciar-me perante V. Excia. por um erro, que em hora de patrão cometi há 19 anos, aproveito o ensejo atual para vir solicitar-lhe o esquecimento dessa página da nossa vida.

V. Excia. foi ofendido por alusões injustas que fiz à sua pessoa em 1893 pelas colunas da "Gazeta de Notícias"; e, então, a um movimento inconsciente, acendendo por verdadeiras as acusações da malevolência pífida, quando naquele tempo de lutas políticas angustiosas, a patrão não permitiu ver claro e consentia que se denegrissem nomes dos mais dignos da nossa Pátria.

Muita vez tive remorsos dessa fraqueza, a que não resistia, e para lhe falar com absoluta sinceridade, maiores ainda me assaltam agora, ao ver a magnanimidade de sua atitude em relação à minha candidatura à Academia de Letras.

Digne-se o ilustre patricio de aceitar os protestos da minha admiração e, a um tempo, do profundo reconhecimento que lhe devo pelas palavras cavalheirescas, com que me honrou na sessão de 14.

O seu voto valeu-me por uma eleição; só com ele já teria bastante para alentar-me no tnu-nucesso da candidatura, se acaso

esta fato pudesse produzir-me qualquer desposto ou contrariedade, nas condições em que o pleito se realizou.

Deste pleito podemos dizer felizmente que saímos todos com grande lucro: meu conspi-cuo antagonista e seus admiradores, porque colheram as lauréis do triunfo; V. Excia. porque conquistou, perante os que ainda o não conheciam, um lugar de honra entre as almas nobres; os outros dignos Acadêmicos, que sufragaram meu humilde nome, porque dem ou mal inspirados provaram firmeza de convicções... a virtude sempre digna de aplausos; eu finalmente, porque mereci o voto de tantos homens ilustres... motivo de real desvanecimento, que não poderei esquecer e com o qual me dou por amplamente satisfeito.

Quanto a V. Excia. quero crer que a minha confissão format e espontânea será suficiente para apagar qualquer ressentimento, que porventura lhe ficasse do triste caso de 1893. Espero-o de sua alma boa e generosa, e só com este fruto me daria por vencedor na contenda.

Sou com a maior consideração
Ao N. Excia.
Adm. mto. grato
RAMIZ GALVÃO.

268, rua Marques de S. Vicente.
22 de Setembro de 1912.

Meu velho e prezado Amigo
Ramiz Galvão.
Se por merecimento de justiça propugno a sua candi-

datura à Academia Brasileira, com a sinceridade e paizão que em mim desperta sempre esse sentimento, vejo agora que magnífica recompensa está reservada aos que sabem cumprir o seu dever em toda e qualquer emergência.

Nos últimos anos da vida, quando os amigos vão desaparecendo na longa estrada que percorremos, uns arrebatados pela morte, outros roubados do nosso afeto pela discórdia de crenças e pelas lutas da política, a maior alegria que podem ter os velhos é verem restituído a seus braços um amigo que para sempre julgavam perdido.

Falecem-me as expressões para dizer-lhe quanto habito trouxe à minha alma a sua carta de 15 deste mês que ontem à noite vim encontrar em casa.

Vollava da sessão Acadêmica em que, depois de ouvir as lauréis do Mario de Alencar, me vira obrigado a fazê-lo confessar o motivo interesseiro de seu voto. Vinha lamentando a triste frequência em que se debate a peração que sucede a nossa. Ao penetrar a sombra das árvores à frente do meu lar, respirei al o ar consolador com que a natureza ataca os corações simples. Entrando em casa, tive uma sensação de prazer maior que a costumada: era a sua carta e toda a generosidade de seu coração que me esperavam.

O esquecimento? Se você me pede a esquecimento, o que em lhe peço é a lembrança da amizade antiga e a volta para além desse ano nefasto, no qual, no cumprimento de meu dever de

sentinela da República em Washington perdi a sua afeição e a de outro amigo não menos caro, o nosso Luiz. Sinto que com a sua amizade recobro a dele cuja memória foi sempre para mim uma memória sagrada. Esperando tri breve levar-lhe em um abraço a expressão do meu reconhecimento na nobreza de alma que transparece de sua carta a que palavras não podem responder, creia-me com a maior sinceridade.

Seu velho amigo e admirador
SALVADOR DE MENDONÇA.

Carlos de Laet

A Associação dos Jornalistas Católicos foi inaugurada, a 1.º de maio, por Carlos de Laet, tendo assim prestado expressiva homenagem a um dos valores máximos do jornalismo brasileiro, um daqueles que mais altamente resolveram a profusão da pena em nossa língua.

Carlos de Laet — Carlos Maximiliano Pimenta de Laet — nasceu na capital, em 3 de outubro de 1887. E, embora tenha sido engenheiro, embora tenha sido professor de direito, foi a sua vida, e que ele foi, essencialmente, o que ele foi verdadeiramente, foi a escrever, ou mais propriamente, falando, foi a jornalista.

Tinha iniciado sua carreira de jornalista ali por 1905, propugnando ali por quando, no dia 3 de Dezembro — veio a falecer. Setenta e poucos anos de jornalismo, quase um dia de escrever! E tudo isso com uma magistralidade, uma forma que é um primor, que o equipara aos mais perfeitos escritores do Brasil no de Portugal, e defendendo ideias sempre honestas, ideais que, embora muita vez não concordassem com eles, eram forçados a reconhecer que se inspiravam num vivo sentimento de amor da pátria.

Essa obra considerável, que, reunida em volumes, dar-lhe-ia verdadeira biblioteca, Laet nunca a publicou em livro, deixando-a toda dispersa, nas páginas efêmeras dos jornais. Reunimos os livros que se conhecem dele: as suas "Poesias", de 1922; a sua "Bibliografia do Brasil", de 1929; a sua "Antologia Nacional", feita em colaboração com Mário Barreto, e a sua "Em Minas".



Conhecemos, igualmente a sua "Poesia Célere", separada da "Revista de Cultura", aparecida em 1927, logo depois da sua morte: trata-se de um fascículo em que está reunido a vigorosa polêmica que o proleto de Pádua Varella, teve ali com Camilo Castelo Branco, aos trinta e dois anos de sua idade.

Tudo isso é pouco, é muito pouco, para quem deixou uma obra tão vasta, tão considerável como valor consistente.

É claro que grande parte dos artigos de Carlos de Laet tinham em caráter por demais pessoal, muitos em tais trabalhos nomes de pessoas que, desajustadamente atraíam para si as terríveis odas do valente panfletário. Mas, excluindo essa parte dos artigos de Laet, há muitos trabalhos de grande importância literária e política, e muitos trabalhos de índole meramente literária e política, e muitos trabalhos de grande importância literária e política, e muitos trabalhos de grande importância literária e política.

Quanto ao artigo de Laet sobre o trabalho em conjunto, feito por vários admiradores de Carlos de Laet, não viria antes de sua memória — trabalho que consistia em trazerem eles, em uma única ou trinta volumes recolhidos, a flor do pensamento e da arte de escrever desde o princípio de nossas letras.

A homenagem que prestou ao grande escritor, a Associação dos Jornalistas Católicos, poderia ser o ponto de partida para a realização de um trabalho em conjunto, feito por vários admiradores de Carlos de Laet, não viria antes de sua memória — trabalho que consistia em trazerem eles, em uma única ou trinta volumes recolhidos, a flor do pensamento e da arte de escrever desde o princípio de nossas letras.

(Continuação da página anterior)

tempo estão essas figuras quanto o ficar quem quer que se quede a contemplá-las na sua poética e diligente ociosidade.

Pier mostrou que há nesse quadro, como em outros da escola do mestre veneziano, uma intenção musical, que se tral não tanto pela presença das mais variados instrumentos musicais, como pelas filonômias atentas dos músicos nela representados e que "parecem perscrutar o mais pequenino intervalo de som, a menor ondulação do ar".

Esqueceu-se o grande esteta, porém, de atentar para esta particularidade da tela de Giorgione, que, nela, a intenção musical se revela curiosamente também pela ausência de linhas retas ou planos.

A ondulação do terreno e não só do terreno, como das árvores, das folhagens, bem como a disposição dos objetos e a postura das figuras, que todas têm gestos sinuosos e curvos, — tudo é disposto como se o pintor quisesse figurar simbolicamente a propagação ondulatória do som.

O "Concerto Campestre" é um outro país utópico onde se passa o tempo a ouvir o tempo que passa, indefinidamente, no gorjeio d'água, no eco de uma flauta de piqueiro que se espraia de quebrada em quebrada...

Murmúrio d'água na clepsidra gotejante, lentas gotas de som no relógio da torre, fio de areia na ampulheta vigilante, leve sombra azulando a pedra do quadrante, assim se escota a hora, assim se vive e morre.

São principalmente os poetas, porém, que mais nos falam dessa região misteriosa onde é possível existir com ventura e beleza.

Poe, Keats, Baudelaire, Mallarmé, Samain, Rimbaud, D'Annunzio, Valéry, todos os poetas modernos abundam em versos que repetem o mesmo desejo inquieto de partir, de fugir à realidade, em busca de uma outra Atlântida fabulosa.

Baudelaire, glorando o quadro de Watteau, como que imaginou o que as suas personagens estariam se dizendo umas às outras e escreveu a sua célebre "Invitation au Voyage":

Mon enfant, ma soeur,
sonse à la douceur
d'aller là-bas vivre ensemble!
Aimer à loisir,
aimer et mourir
au pays qui te ressemble!
Les soleils mouillés
de ces ciels brouillés
pour mon esprit ont les charmes
si mystérieux
de tes traites yeux
brillants à leurs larmes.
Là, tout n'est qu'ordres et beauté,
lux, calme et volupté.

Adaptando, pallidamente, em português:

Meu amor, procura
sonhar a doçura
que seria a vida ali!
Amar com prazer,
amar e morrer
num país que é igual a ti!
Os sois orvalhados
destes céus turvados

teriam o mesmo encanto
dos teus misteriosos
olhos enganosos
brilhando através do pranto.

Lá tudo é calmo e luxuoso,
fino, igual e volutuoso.

Os móveis polidos,
com o tempo brunidos,
nosso aposento ornariam;
as mais raras flores,
mescando os odores,
ao ambientar se mesclariam.
Suntuosos tetos,
espelhos secretos
e o esplendor oriental,
tudo falaria
à alma e cicilaria
na sua língua natál.

Lá tudo é calmo e luxuoso,
fino, igual e volutuoso.

Nos canais, vadios,
olha estes navios
cujo destino é errabundo;
— para que vejas
tudo o que desejias
que eles veem do fim do mundo.
O sol, no poente,
de hincio e ouro quente
os canais, toda a cidade
e os campos guarnece.
A terra adomece
na tépida claridade.

Lá tudo é calmo e luxuoso,
fino, igual e volutuoso.

Como sucedia com muitos dos temas tratados em suas poesias, o próprio Baudelaire repetiu esse, na prosa de esmalte de seus "Poemas em Prosa":

"Il est un pays superbe, un pays de Cogne, que je réve de visiter, un trais pays de Cogne, où tout est beau, riche, tranquille, honnête; où le lize a plaisir à se mirer dans l'ordre; où la vie est trasse et douce à respirer; où le bonheur est marié au silence."

Ordem, lize, harmonia, voluptu... é toda a atmosfera da poesia baudelaireana.

Para Manuel Bandeira, o nosso poeta modernista, é a imaginária Pasárgada o país dos sonhos. Jogando com o fabulário de todos os tempos, baralhando as ficções literárias, os limites acadêmicos e as reminiscências folclóricas, a sua supra-realista Pasárgada, que é a mais fantástica, absurda e desabusada de todas as Atlântidas, é um misto das mãos de Poe, de Baudelaire, da "Cittara" de Watteau e Camões, de "Cogne", da panagruêlica "Bengodi" do Decameron, onde não falta até o pau de sebo das festas populares, que é a árvore medieval do diuheiro:

Vou-me embora p'ra Pasárgada.
Lá sou amigo do rei.
Lá tenho a mulher que eu quero,
na cama que escolherei.
Aqui eu não sou feliz;

(Conclue na página 42)

PÁGINAS DOS AUTORES MORTOS

1 OS NOSSOS NOMES

PROPOSTA

Quando me batizaram, Arthur Nabutino começava a dar concertos de quarto de cinco e a fama do futuro precoce e d'alumbrante da segunda geração atravessava o Atlântico e vinha oferecer no Brasil uma para todas as pelotas.

Adeus, pai, que é português e adora dar concerto de todas as grandes coisas de crianças de sua pátria, deu-me o nome de Arthur. Se me houvessem aprovado, a publicação de meu nome certo causaria a mesma reação!

— Mas, pai, o meu nome, que em minha terra me foi motivo de tanto orgulho íntimo, não me pertence inteiramente aqui!

Lá o único Arthur Azevedo era eu, e aqui, que me constam, somos muitos. — Arthur de Azevedo, médico.

— Arthur de Azevedo, negociante.

— Arthur de Azevedo, oficial de Marinha.

— Arthur de Azevedo, estudante.

— Arthur de Azevedo, idem.

— Arthur Azevedo, empregado público e "literato prático", eu!

Observei que sou simplesmente — Arthur Azevedo —; mas os meus próprios amigos, quando falavam de mim, ou escrevem o meu nome, obtinham-se em empregar a partícula "de", antes do apelido.

O sermão sei, com igual nome, tem dado lugar a mais de um "qui pro quo".

Protesto sempre, e asseguro que não ao menos sou bacharel, quando me chamam doutor, por licença, ignorância ou não sei se diga ironia.

No entanto, indivíduos há que, realçando, prezaram-me no costume de receber e abrir cartas, em cujo subscrito o meu nome vem precedido de um título que não adquiri.

Um dia recebi na repartição uma cartinha pelo correio urbano. — "Ilmo sr. dr. Arthur de Azevedo".

E com letra diversa: "Secretaria da Agricultura".

Abri-a: era letra de mulher. — Solicitavam a minha presença à rua... n.º... com a brevidade possível. Era para uma obra de caridade...

Como nesse tempo já faziam parte do repertório da Phenix Dramática duas peças minhas, julguei que alguma beneficência me quisesse pedir dispensa dos direitos de autor, e, apesar de parecer-me exíguo, fui chamado em vez de procurado, lá fui.

Era uma casinha de porta e janela, suja e de miserável aparência.

But! no mesmo instante uma velhinha fez-me entrar e, debruçada em pranto, lançou-se-me nos braços, exclamando: — Entrei! Entrei! O senhor é o nosso bom anjo! Permite Deus que chegue a tempo! Eu bem dizia a Joaquina que havia de vir!

E, gritando para o interior da casa: — Olha, Joaquina: ele veio! Faça o favor de entrar para este quarto. Não repare na casa... O pequeno está cá.

Entrei, muito intrigado. Deitada em uma cama estava uma criança de três anos, moirada, e à sua cabeceira velava

guardando em dez mil folhas! Era o meu próprio nome!

Ela andava com as folhas nas agulhas, molhava-as a toda a noite e, quando avia uma outra ou qualquer parte, pedava-as, e as, e selava, e tornava a ler... o meu nome!

Quisera abrir os dez mil folhetos das diversas partes. Abri-os um por um! A minha presença para averiguar se o meu nome estava impresso em todos! Se o prelo não falhara alguma vez!

Heptito: não era a glória de ter sido aprovado no exame que tanto me importava; era a sensação, estranha para mim, de ver impresso (impresso!) o meu nome!

Se me houvessem aprovado, a publicação de meu nome certo causaria a mesma reação!

— Mas, pai, o meu nome, que em minha terra me foi motivo de tanto orgulho íntimo, não me pertence inteiramente aqui!

Lá o único Arthur Azevedo era eu, e aqui, que me constam, somos muitos. — Arthur de Azevedo, médico.

— Arthur de Azevedo, negociante.

— Arthur de Azevedo, oficial de Marinha.

— Arthur de Azevedo, estudante.

— Arthur de Azevedo, idem.

— Arthur Azevedo, empregado público e "literato prático", eu!

Observei que sou simplesmente — Arthur Azevedo —; mas os meus próprios amigos, quando falavam de mim, ou escrevem o meu nome, obtinham-se em empregar a partícula "de", antes do apelido.

O sermão sei, com igual nome, tem dado lugar a mais de um "qui pro quo".

Protesto sempre, e asseguro que não ao menos sou bacharel, quando me chamam doutor, por licença, ignorância ou não sei se diga ironia.

No entanto, indivíduos há que, realçando, prezaram-me no costume de receber e abrir cartas, em cujo subscrito o meu nome vem precedido de um título que não adquiri.

Um dia recebi na repartição uma cartinha pelo correio urbano. — "Ilmo sr. dr. Arthur de Azevedo".

E com letra diversa: "Secretaria da Agricultura".

Abri-a: era letra de mulher. — Solicitavam a minha presença à rua... n.º... com a brevidade possível. Era para uma obra de caridade...

Como nesse tempo já faziam parte do repertório da Phenix Dramática duas peças minhas, julguei que alguma beneficência me quisesse pedir dispensa dos direitos de autor, e, apesar de parecer-me exíguo, fui chamado em vez de procurado, lá fui.

Era uma casinha de porta e janela, suja e de miserável aparência.

But! no mesmo instante uma velhinha fez-me entrar e, debruçada em pranto, lançou-se-me nos braços, exclamando: — Entrei! Entrei! O senhor é o nosso bom anjo! Permite Deus que chegue a tempo! Eu bem dizia a Joaquina que havia de vir!

E, gritando para o interior da casa: — Olha, Joaquina: ele veio! Faça o favor de entrar para este quarto. Não repare na casa... O pequeno está cá.

Entrei, muito intrigado. Deitada em uma cama estava uma criança de três anos, moirada, e à sua cabeceira velava

a senhora que respondia no nome de Joaquim.

— Senhor doutor, disse-me esta senhora, também a chorar, minha condessa F... da rua tal, disse-me que o senhor curou-lhe de graça o linho, que seria do mesmo mal que o meu, e aconselhou-me que o mandasse chamar. Consultei minha mãe e apontou para a velhinha, que aprovou. Escrevi aquela carta. Desculpe-me mandar lembrando-lhe sem poder... mas... Deus lhe pague, senhor doutor!

A minha posição parecia-me muito com a do Esplanado, de Molière.

— Faltas mulheres! Que amarga delusão! E a criança agonizava...

Felizmente, para elas, e para a minha consciência, procedi naquele momento como o faria qualquer homem de coração, e, se o pequeno não logrou salvar-se, não foi porque lhe faltassem cuidados da medicina.

Há meses encontrei um amigo na rua do Ouvidor: — Como vais, o Arthur?

— Bem; e tu? Bom, não? E' o que se quer.

— Então? Já sei que te saístes bem.

— Que me saí bem? De que?

— Do Dr. Grama?

— Quem é o Dr. Grama?

— Não Pedregulho!

— Momento, explica-te, se queres que te entenda!

— Tu não representaste?

— Não representei? Que diabo! Representei o quê? A quem? Contra quem?

— Não entraste no Dr. Grama?

— Não entrei foi no que estás para aí a dizer!

Averiguada a coisa: Um dos meus homônimos, que era membro da sociedade dramática Santa Isabel, do Pedregulho, e fazia parte do respectivo corpo técnico, desempenhara o papel do Dr. Grama, na comédia do mesmo título.

Uma folha diária deu notícia da representação e o meu nome, e o nosso nome já vinha: "O sr. Arthur de Azevedo saiu-se perfeitamente bem no papel de protagonista".

No dia seguinte, outro amigo: — Adeus, seu Artão.

— Seu Artão! Seu Artão!

— Pois você não fez o Dr. Grama?

O espetáculo e a notícia do espetáculo coincidiram com uma pequena contusão que apanhei e me obrigava a faltar três dias seguidos à Secretaria.

Um dos meus companheiros da escola, quando reapareci, piscou-me um olho e disse-me em tom muito arrastado e muito malicioso: — Então você estava doente, seu maganão?

— Estive, sim, por quê?

— Quem o curou foi o Dr. Grama, não? Onde lá, onde lá!

— Incumbi um camarada meu, residente em Pernambuco, de certo negócio. "Se fores bem sucedido — tinha-lhe eu escrito — expede-me logo um telegrama".

Oito ou dez dias depois, recebi, de fato, um telegrama: abri-o com sofreguidão que só avaria quem souber a importância do negócio de que se trata. E li:

3 RETRATO

O perfil de madona pensativa,
um modo entre carícias e esquivança,
mão de boneca, pé de Cenerentola, — ?
sorriso de criança;

voz de cristal ferido, olhos tão vivos
que ora são diamante, ora veludo,
nariz d'estatua, pequenino despota
que é mesmo rei de tudo;

na fronte algum pensar sublime e santo,
nos lábios a bulir fino gracejo,
e um queixinho, armadilha da beleza
para apanhar um beijo;

seio de juriti, ninho mimoso
d'onde casta ternura se irradia,
alma feita d um riso de Cythera
e um pranto de Maria;

ela é assim! — não exagero, crede
e Deus p'ra completar o meu tormento,
deu-me o pouco-julzo dum poeta
e fez-me clumoso!

"Comprei farinha ordinária. Toda que houver no mercado. Primeiro vapor. Saquemos. Vejam como me tratam".

O telegrama era dirigido ao sr. Arthur de Azevedo & Cia., da rua Direita.

O ano passado recebi uma cartinha de M.

M. queixava-se de que Arthur de Azevedo não lhe escrevia; chamava-lhe ingrato, falso, porjuro, mau, etc.; pedia-lhe a clássica trança de cabelos e o clássico retrato; lembrava as noites que passaram juntos em São Cristóvão, e na pobre gramática portuguesa, que não era solidária das culpas do meu pérfido "chamar", vingava-se a namorada saudosas; entre outras M. transpunha o h de um modo original: escrevia Hartur!

Pobre M e pobre H!

Pelo meu lado tenho recebido também muitas cartas abertas por engano. Felizmente já não namoro, nem tenho segredos.

Uma folha do Interior de São Paulo, ocupando-se um dia com a minha humilde individualidade em uma correspondência desta corte, disse:

"E' de uma atividade realmente admirável: médico, exerce numerosa clínica; negociante, não se desdiz de um momento de sua casa comercial; escritor, é feril, quer em relação aos teatros, quer à imprensa".

Que bem informado estava este correspondente!

Reclamo os meus homônimos não se lembraram ainda de fazer jus a uma coça de pau, que viesse cair, por engano, nas minhas costas.

Fui de reconhecer que acanhado confusão de nomes a mim é que mecho prejudica: não se dá a passar por aproveitado discípulo de Esquélpio ou acreditado negociante desta praça; os outros, Arthurs é que nada lucram em que os tomem por fautores de paródias, que os homens de bom gosto reprovam, e versos desengraçados e mal feitos.

Que ótima recomendação a de ser negociante! Que péssima a de comércio... das musas!

Muitas vezes também confundem-me com o meu ilustrado amigo Arthur de Oliveira: já fui censurado por ter dito mal não sei de que ministro, sendo empregado do governo.

Não facilite: guarde as suas convicções; olhe que uma pena o dimite!

Ou: — Gostei muito do teu folhetim! Aquilo sim, que é crítica! Des-te-lhe de rito!

— Em quem?

— No Furtado. Bem feito! Metter-se no "Kear"!

— Eu, não, etc. (Explicação). Muitas vezes o Oliveira é assaltado:

— Tu não tens nada agora para a Phenix? Nunca há de fazer nada como a "Maria Anú"?

Aquilo é que é uma peça V-a das vezes seguidas! Quanto tem-te dado? Uns dez contos... ou mais? Que tens feito desse dinheiro?

Este assalto, que me é feito vinte, trinta vezes por dia, dirigido ao Arthur de Oliveira já não é assalto: é calúnia.

O meu fim, escrevendo estas linhas, para as quais me foi bondosamente franqueado um espaço

que tão dignamente tem sido ocupado por outros — é que ouço: — não foi falar de mim, mas procurar condicionar para uma proposta, que subintende a dilatação de todos os Arthurs de Azevedo: Numerem-se!

Disputem entre si os meus cinco homônimos os primeiros números; se algum mais aparecer será o sétimo...

Eu contento-me com ser ARTHUR AZEVEDO N. 6

4 QUADROS SIMPLES

Chore... Que magoa lá fora!
Que maldade embracem-se os lares

Sobre este rio que chora
Os seus eternos pesares...

E eu sinto o que a terra sente,
Sinto o pesar que deixo,
— Eu, dos teus olhos ausente,
Ausente do teu sorriso!

Que não será, quando errantes
Te procurarem meus sonhos,
Sem que sobre eles, brilhantes,
Peiram teus olhos risonhos!

As asas loucas abrindo,
Meus versos, num longo anseio,
Morreram, sem que, sorrindo,
Possa acolhê-los teu seio...

Ah! quem mandou que fizesses
minh'alma da tua escrava,
E ouisses as minhas preces,
Chorando como eu chorava!

Porque é que um dia me ouviste,
Tão pávida e aborrecida,
E — como quem ama — triste,
Como quem ama — calada?

Tu te calavas... Portanto,
Como é que não me querias,
Se, rosa! todo o meu pranto
Dentro em teu peito acolhas?

Tu tens um nome celeste...
Quem é do céu é sensível,
Porque é que não me dusteste
Toda a verdade terrível?

Tu mesma te encarregaste
De esmagar, cruel e calma,
A flor que um dia plantaste
Com as próprias mãos em mi-nh'alma!

Porque, fugitivo, impiedoso,
Ate! enlaia o meu ninho?
Era tão bela esta rosa...
Já me tardava esta espinha!

Fora melhor, porventura,
Ficar no antigo degredo,
Que conhecer a ventura,
Para perde-la tão cedo!

Por que, sorriste, enxugando
O pranto das minhas faces?
Viste que eu vinha chorando...
Antes assim me deixavas!

Antes! menor me seria
O sofrimento, querida!
Antes! A mão, que alivia
O pranto, e cura a ferida,

Não deve depois, tranqüila,
Vendo já passada a magia,
Encher de sangue a pupila
Que já vira cheia água!

— Ave que, mal amanhado,
Deixa o seu primeiro abraço...
Tu vais partir... Parte e esquece

Tudo isto quanto te digu!

Em dem melhor que tu partas...
Nem ouças o meu lamento!
Vai-te! que, quando te aparta
Aparia-se o meu tormento!

Mas, junto a mim que te falta?
Que glória maior te chama?
— Não sei de glória mais alta
Do que a glória de quem ama!

Talvez te chame a riqueza...
Despreza, deita-me, e fica!
Verás, que, assim, com certeza
Não há quem seja mais rica!

Prendeu-me à tua existência
De modo tal meu desejo,
Que agora, com tua ausência,
Nada mais sinto, nem vejo!

Estrela! toda esta espora
Sorriso, quando aparestes;
E eu senti que a primavera
Nascia quando nasceste!

Quando chegaste, criança,
Iluminou-se o horizonte.

(Continua na página 88)

2 NA PLANÍCIE

Numa planície estranha e árida e sombria,
Coberta pelos pés de um branco nevoeiro,
Ao longo do fecho das palmeiras do dia,
Numa sombria corcel galopa um cavaleiro.

Vai seu rumo, talvez; o torço olhar incerto
Para o silêncio e como ansiosamente,
Medindo do horizonte o amplíssimo deserto,
O céu todo e sem luz, ensanguentado ao poente.

Aqui, além — um abismo, aqui, além — a morte,
O quieto tropeço... ó mudo cavaleiro
Por que, qual como vós, vosso destino, a sorte
Dia e noite anda a errar por entre o nevoeiro!

ALBERTO DE OLIVEIRA

(Diário do R. Janeiro de 2-10-1878).

PIMENTA DE LAET

A página do dia: "A especialização na medicina", de Aloysio de Castro (Dos Discursos Médicos)

Aloysio de Castro: Nasceu no Rio de Janeiro, a 14 de junho de 1881. Doutourou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. No mesmo estabelecimento foi professor de Clínica Médica e diretor (de 1914 a 1924). Aposentou-se como professor em 1940. Poeta e prosador.

Obras principais: *Aloções acadêmicas*, 1911; *Novas aloções acadêmicas*, 1915; *Ultimas aloções acadêmicas*, 1918; *Palavras de um dia e de outro*, 3 vols., 1922, 1929 e 1933; *Ritmo*, sonetos, 1926; *Orações*, (discursos), 1926; *Curios*, 1928; *Tendresse*, versos em francês, 1932; *Discursos Médicos*, 1941. Tem publicado, além disso, uma longa e valiosa obra científica.

A ESPECIALIZAÇÃO NA MEDICINA

A especialização deve ser um acréscimo, nunca o ponto de partida. E nunca será seguro especializar o que, prescindindo do vasto preparo geral, se contentar com a estreita visão clínica, que insuperavelmente localiza os fenômenos morbosos segundo as regiões em que se declaram.

Mas é força reconhecer na especialização a tendência cada vez mais dominante em medicina. O mal está em que já não bastam as especialidades vulgarmente aceitas, mas cada uma delas se desdobra e trespasa em outras mais. Para tudo há especialistas. Resta-se des-sarte a tração pre-hipocrática, porque (narram historiadores) já na civilização egípcia tão culta era a ciência de curar que a cada doença correspondia o seu médico especial.

Seja como for, em nossos dias já se mete à bulha o caso. E como nos outros médicos não levamos em mal o mal que de nós se diz (que diz-se muito mal), tolera-me, se cober uma leve graça em sério assunto, vos em relembre desta austera tribuna a fina sátira de Tristan Bernard, acerca dos médicos especialistas.

Quería certo, gordo, enagrecer. Nada mais fácil. Há médicos para isso. Dietas, exercícios, em mim e meio estava o homem lesão e desaperçoado. Mas com o tratamento as pernas se adelgacaram demasiado. Cumpria arrijar o tono dos músculos. Outro especialista. Excelente resultado, com tres meses de tratamento por banhos de lama. Sómente com isso de mergulhar os pés na terra úmida o paciente se restrição e veio a sofrer a laringe. Há laringologistas. No caso usou-se o excelente tratamento elétrico. Veio a cura, mas, circunstância desfavorável, o doente descendia de família nervosa e com a electricidade logo surgiram ticos, pasmus, espasmos, ataques. Era necessário o neurologista. Entra em ação o brometo de potássio, grande repellido dos nervos. Em pouco (seis meses) cessaram os estormentos. Sim, mas o brometo é muitas vezes mal tolerado pelo aparelho digestivo, e começaram as digestões lentas, empaches, enbrul-



lhamento do estômago. Inpu-nha-se um regime indicado por especialistas nas doenças gástricas. Farináceos, doculentos? Ótimo resultado, com a so-restricção de que com a nutrien-tial dieta o doente voltou a en-gordar. Estava como antes. Que, pois! Recenatar o ciclo dos especialistas? Ao cansado herói lembrou-lhe recorrer a mais um médico, o último, que propôs solver o caso com a equitação, mas bem entendido,

com a equitação científica, com o tempo marcado para os passos de trote, de galope e assim por diante. Resultado: em três dias o peso baixou de trinta e seis quilogramas. Encavalgado num corcel rebelde, que despo-derado saiu curvateando aos trancos e galões, lá se foi por terra o gordo cavalheiro, fraturando a coxa, tendo afinal de amputar o membro, que pesava trinta e seis quilos. "Ora aí está um homem", conclui a sá-tira, "que tendo sempre obser-vado à risca o tratamento dos médicos, obteve da medicina tu-do o que desejava: perder peso".

Não vos dê riso a história. Há como esta muitas e verda-deiras. Bem vai aquele que desconfia de muitos médicos e muitas medicações a um so tempo. A boa medicina quer pontos remédios e poucas mudi-danças. E de Hippócrates: o que empregado, traz melhoras, com a perseverança traz a cura. Mas ainda que não se duvide da cura, o melhor é não adoe-cer, e evitá-las as doenças fu-gindo às suas causas.

Que respondeu Esculápio àquela que de longe o vicia

consultar no templo de Epidau-ro? Reduzo a diálogo a narra-ção de La Bruyère:

- "estou quebrada de fadi-diga".
- "A jornada te foi longa".
- "Falta-me appetite".
- "Come pouco fora de horas".
- "Nenhuma disposição pa-ra o trabalho".
- "Ergue-te cedo e cami-nha".
- "O vinho é-me nocente".
- "Bebe agua".
- "Ando insone".
- "Só te deites à noite".
- "Ai, as forças me fogem, já não sou o que fui".
- "Envelheces".
- "Mas que! filho de Apo-lo", clama a consulente, "aca-so este o prodigio da tua cien-cia, que na fauna os homens lou-vam? Não conhecia eu tudo o que me aconselhas?"
- "Então fala o deus, "por que não seguisse o que sabias, antes de me entrasses as portas, encurtando os teus dias com a longa caminhada?"

Não será fora de propósito, quando se estuda, mesmo a largos traços, a numerosa vida aquática do vasto labirinto fluvial amazônico, referirmo-nos ao principal e maior dos seus hidrosaurios — o Jacaré — voraz na destruição que leva ao reino ictológico, devorando mesmo outros animais, menos a onça, que parece exercer sobre ele grande força hipnótica, tolhendo-lhe os movimen-tos para o ir comendo pela cauda.

Há no extenso vale várias espécies, entre as quais o Jacaré-assu (Caiman-niger); o Jacaré-coroa (Caiman-palmatus); e o Jacaré-linga (Caiman-sclerops), este o de menor proporção física, compara-do aos demais.

O Jacaré faz a desova em terra, onde constrói o ninho com gravetos, cobrindo os ovos com folhas, galhos secos e areia. Choca-os o calor do sol, conservando-se o animal à distân-cia e mantendo-se em perma-nente vigília, numa altitude de expectativa e cuidado, como sentinela alerta, enquanto se opera a incubação e, por fim, a eclosão da ninhada.

O Jacaré-tinga, de três a cinco palmos de comprimento, é apreciado na cozinha roci-rra, especialmente a cauda, sendo comida com fucupi. A carne é rosea, tenra e de excelente sabor, pegando bem os temperos com que a condimentam.

(Concluão da página 30)

lá a existência é uma aventura de tal modo inconsequente que Joana, a louca de Espanha, rainha e falsa demente, vem a ser contraparente da nora que nunca vive.

E como eu farei ginástica, andarei de bicicleta, montarei em burro brabo, subirei no pau de sebo, tomarei banho de mar! E quando eu estiver mais triste, mas triste de não ter jeito, quando de noite me der vontade de me matar, — lá sou amigo do rei — terei a mulher que eu quero na cama que escolher.

Mucio Ledo escreveu todo um belo livro de viagem poética por esses "países inexistentes" da nossa geografia interior:

Queres partir comigo para países muito distantes, para países que dormem, embalados por oceanos que ninguém conhece?

Levar-te-ei às ilhas paradisíacas, que estão dormindo no ritmo das ondas manas,

levar-te-ei a esses mundos estranhos, a esses mundos formosos que nunca ninguém viu.

E a poetisa chilena Gabriela Mistral assim nos descreve (servimo-nos de esplêndida tradução devida a Ribeiro Couto) o seu "País da Ausência":

É o país da ausência, estranho país, com levezas de anjos, contornos sutis, da cor da alga morta, da cor indecisa, com a era de sempre, sem era feliz, tampouco jasmim. Nunca teve céus. Romãs não dá nunca, nem mares de anil. Não sei do seu nome, de ninguém o ouvi. No país sem nome é que vou dormir. Nem pontes, nem barcos trouxeram-me aqui. Ninguém me falará do estranho país. Nem eu o buscava, nem o descobri.

* * *

Nas realizações artísticas desse outro maravilhoso a um tempo pagão e cristão, é curioso notar a insistência com que uns e outros autores situam de preferência numa ilha o seu "El-dorado".

Essa predileção é, aliás, explicável, porque motivada por uma das funções mais naturais do nosso espírito, que procede por analogias.

Assim como o mar desperta em nós uma nostalgia absurda de coisas desconhecidas, e, em consequência, uma ansia estranha de partir, de viver a aventura do imprevisto, de devassar

horizontes, de conhecer terras ignotas, — quem diz ilha evoca logo a ideia de exílio, voluntário ou não, de separação, de isolamento, de solidão, de mundo à parte e basando-se a si mesmo.

Essa ideia é integrada logo em nosso espírito, cria uma realidade, e não somente isso, mas uma realidade sensível, porque a ela se associa a persuasão mnemônica do ritmo, ritmo daquela que cerca a pequena porção de terra, a isolá-la de continentes, dá-na a bater as cristas dos rochedos, monotonamente, como um obstinado pensamento solitário.

Esse sentido geográfico de solidão a que a noção de ilha corresponde em nosso espírito, está também ligado pela história às grandes solidões morais.

Não é em romanesca postura teatral, a prolongarem o seu perfil no horizonte, de pé sobre os rochedos de uma ilha perdida em mares bravios, que os grandes solidários da humanidade se nos apresentam à memória?

Não é em Palmas, em Santa Helena, em Guernsey, que figuramos de preferência um João Evangelista, um Napoleão, um Victor Hugo, vivendo o momento mais culminante de suas vidas? E não é o próprio artista, por definição, um solitário, uma ilha perdida nas grandes massas humanas, entre as quais nasceu, mas das quais se isolou?

Baudelaire, sempre deslumbrado com a visão mítica da natureza exótica dos trópicos, situa a sua cucanha numa ilha:

Une île paraisseuse où la nature donne des arbres singuliers et des fruits savoureux.

A "Citéra" de Watteau é a mesma "Ilha dos Amores" de Camões; numa ilha encantada reina a fantasia de Samain:

La vie est une fleur que je respire à peine, car tout parfum terrestre est douloureux au fond; j'ignore l'heure vaine et les hommes qui vont et dans l'île d'Email ma fantaisie est reine.

Anthero de Quental, quando se sonha feliz, é também numa ilha que situa o seu domínio fabuloso:

Sonho-me, às vezes, rei nalguma ilha, muito longe, nos mares do oriente, onde a noite é balsâmica e fugiente e a lua chela sobre as águas brilha.

E sempre o remoto oriente, com as suas misteriosas teogorias, ou os trópicos com a sua natureza estranha e mítica. Sa-main intitula "Extremo-Oriente" ao seu soneto, e Anthero chama ao seu, "Sonho Oriental".

Martins Fontes lembra as Antilhas, ao imaginar o seu "El-dorado":

Ilhas de âmbar, ilhas sem par. Claras maravilhas do mar.

Ilhas de ouro, ilhas do amor! Fúlgidas antilhas em flor!

Poetas, companheiros, remai! Bravos marinheiros, cantai!

Ide ao infinito buscar o país do mito solar!

Glória às lindas ilhas sem par!

do jacaré na ilha de Marijó - Amando Mendes

Galeria de nomes ilustres

BIBLIOGRAFIA DE JOÃO RIBEIRO

João Ribeiro no

"Correio da Manhã"

Durante o ano de 1903, colaborou João Ribeiro no "Correio da Manhã". A maioria dos seus artigos ali publicados vieram a formar as "Páginas de Estética", havendo também alguma coisa que foi incluída na "Fezêdo". Eis os seus artigos publicados naquela folha:

14-4-1903 — Introdução...

12-4-1903 — Bibliografia (a. Nereu) — Os Minaretes de Viriato Correia.

15-4-1903 — Petição (a. Nereu) — Estilo e forma literária.

18-4-1903 — Bibliografia. Castro Rebelo — Loiros e Múrios. Dr. Edmundo Sternack — Medicina moderna. Gênio e limites do saber médico.

19-4-1903 — Bibliografia. Reta Carvalho — Prelúdios, poemas.

22-4-1903 — Bibliografia. Almirante Artur de Albuquerque — Ensaio histórico sobre a armadilha brasileira — Outros livros.

25-4-1903 — Estilo e forma literária.

25-4-1903 — Bibliografia. Vários livros.

1-5-1903 — Bibliografia. (Acerca da língua portuguesa).

2-5-1903 — Teorias de arte.

3-5-1903 — Bibliografia. Iracema, de Alencar. Vitoriano Palhares — As Noites da Virgem.

Dr. Garnier — O celibato e os celibatários.

Xavier Marques — Maria Rosa, O arpador.

Album de pintura. Outros livros.

9-5-1903 — Da Beleza na Arte.

13-5-1903 — Bibliografia — Livros didáticos.

16-5-1903 — A crítica consuetudinária.

23-5-1903 — Mistério na Arte.

30-5-1903 — A graça.

6-6-1903 — O humor.

10-6-1903 — Poesia.

13-6-1903 — Filosofia (transcrição da Semana de 1904).

15-6-1903 — Simbólica.

21-6-1903 — Gramaticais.

27-6-1903 — Simbolismo na literatura contemporânea.

4-7-1903 — De Lessing a Flaubert.

8-7-1903 — Um aquarelista.

10-7-1903 — Um aquarelista, II.

26-7-1903 — Um aquarelista, III.

27-7-1903 — Victor Meireles.

1-8-1903 — Os clássicos.

8-8-1903 — O velho e o novo.

8-8-1903 — Poesia.

15-8-1903 — Misticismo (Filosofia e Ciências).

16-8-1903 — R. G. Wells.

19-8-1903 — Oliveira Lima.

22-8-1903 — Poetas e críticos.

29-8-1903 — Como pensar os clássicos, I.

5-9-1903 — Como pensar os clássicos, II.

(Continuação da página 61)

E, como uma ave, a esperança

Patrou sobre a minha fronte!

Todo meu peito, desperto,

Se encheu de cantos em festa:

Foi como se de um deserto

Rebentasse uma floresta!

Como é que quebras os laços

Com que eu prendi o Universo,

Entre os nossos quatro braços,

Na faula azul do meu verso?

Como hei de eu, de hoje em

diante.

Viver, depois que partires?

Como queres tu que eu cante,

No dia em que não me ouvires?

Que olhar terás neste mundo,

Que, como o teu, me acompanhava,

Inhe,

E em cujo claro profundo

Toda a minha alma se banha?

Chegaste... Partes agora

E toda a vida me levais...

Quem viu tão cedo uma aurora

Cobrir-se de tantos trancos?

Tem pena de mim! tem pena

De alma tão traze... Como há de

Minhama que é tão pequena

Poder com tanta saudade?

Paralisa, 20, Nov. 88.

OLAVO BILAC.

(Cidade do Rio de 22-11-1888)



ANTONIO FERRO, o brilhante escritor português, ora em visita ao Brasil



JOAQUIM NABUCO, o grande orador, escritor e diplomata brasileiro, cuja data aniversário passou — há dias



XISTO BAIÁ, o famoso ator brasileiro cujo centenário de nascimento transcorreu no dia 5



TEIXEIRA DE MELO, erudito, historiador e poeta, cuja data do falecimento ultimamente transcorreu

mal, que era abandonado para se atender a outro, imediatamente reduzido às mesmas condições.

Acontecia, às vezes, que a corda se partia, ou afrouxava o arpo, obrigando a "pescador" a atirar-se à água, entre aqueles animais ferozes e irritados, em lances bem arriscados. Mediam esses anfíbios de dez a dezoito pés de comprimento; e até mesmo vinte, com enormes cabeças e perigosas carreiras de grandes dentuças afiadas.

Ocupando uma área de aproximadamente 42.000 ks. quadrados, apresenta a grande ilha de Marajó o trabalho multifacetado das impetuosas correntes andinas, avolumadas pelas chuvas diluviais, despenhadas em catadufas sobre o maroto verde-negro da floresta amazônica, em busca do oceano, desagregando de um lado largo trecho do continente, e formando a enorme baía de Marajó; aterrando e agregando do outro, até a formação da parte fluvial, e deixando ao centro os pantanos ou "moudongos", o lago Arari e todos os paranás que, com o correr dos tempos, tomaram pomposamente o nome de rios.

Atribuindo-se-lhe ou não a configuração especial a forma de prato fundo, com bordas altas e o centro, em nível inferior, o certo é que nas inver-

nadas ficam talvez três quartas partes das suas dilatadas campinas submersas em verdadeiro dilúvio, a oferecerem apenas os "tesos", aqui e acolá.

No verão vão-se-lhe secando as terras, gradualmente, para o interior, na formação dos "lagos" — fenômeno esse que provoca uma verdadeira migração dos gados e de todo aquele mundo aquático.

E' precisamente nessa quadra que se pratica a "matança do jacaré".

A vários desses espetáculos, empolgantes e cheios de imprevistos, assistimos na Fazenda São Sebastião, distrito de Soure, no mês de dezembro, na presença do verão, antes da "queda das águas".

Cinco horas da manhã, ainda em pleno dilúvio, fazíamos de marcha, cavaleiros em número de quinze, entre os quais valentes vaqueiros marajoaras, armados de laços e arpoes, em correrias desalinhadas pelos campos a fora, despertados do silêncio da madrugada pela algazarra dos vaqueanos e pelo tropel rítmico dos cavalos. Aqui e ali intercalados do grilo alegre e denunciador dos teu-teus. (1)

Alcançadas as depressões do terreno, que formam verdadeiros lagos rasos, inclina-se a faina da matança pela investida dos vaqueiros, em brados provocativos e onomatopáicos de "ôu-ôu", a imitarem o ronco dos jacarés que, assim atraídos, quando afloravam à tona, eram uns, em franca justa de presteza e pericia, lançados pela cabeça e arrastados pelo campo, arrebatados à cirra pelo cavaleiro audaz; outros, feridos dentro do lago, ainda submersos e inofensivos, o que não acontecia quando, partida a corda ou desprendido o arpo, se expunha o cagador à ferocidade do anfíbio. Eram de três a três e meio metros de comprimento, e alguns mesmo de mais de quatro ou cinco. Irritados, cabeças enormes, cheias de limo, e à mostra a grande e afiada dentuça.

Assim matavam-se vinte a trinta, numa dessas arriscadas caçadas, após o que eram os hidrosáurios abertos, para se lhes extrair a banha, cujo comércio é feito em pequena escala no Estado do Pará.

No couro do jacaré está um elemento de valor econômico, muito considerado nas indústrias para o fabrico de custosas valises e bolsas de senhoiras, cintos, calçados e outros trabalhos de adorno, artísticos e interessantes. Afinal, uma fonte de matéria prima que não é para se desprezar.

A caça ou matança sistemática do jacaré traria lucros certos aos negócios da empresa que se organizasse para a exploração da pesca em geral na Amazônia, além do benefício que representaria de livrar as águas da região desse perigoso elemento devorador de peixes e perseguidor do gado, nas fazendas marginais dos lagos e rios.

(1) Pequeno bernalta, inimigo do cagador, ao se aproximar da caça. Tanto assim que dos paludários se tem comido ovo de teo-teu em criança.

(Continuação da pag. 87)

E ossadas de animais monstruosos (sua extinção).

Eis aí um poeta intensamente penetrado da luz e da cor da nossa paisagem. Foi isso o que sentiu Alberto de Oliveira, quando escreveu que em Salvador de Mendonça havia, "metido sob o pressor de um grande poeta." E referindo-se às "Lendas da Serra e da Baía", que Salvador pinajava, então publicar em livro, diz o autor de "Natalia": "O poeta aparece integral. Esse seu começo, julgando pelo que dele conheço, será, em essência, o mais brasileiro da nossa poesia. Você deve dar-lhe a última dentada e publicá-lo."

Claras maravilhas do mar!

* * *

Ilhas... A ilha de Naustica, a ilha de Calipso, a ilha de Circe, todas as ilhas gregas, e a tropical ilha idílica de Paulo e Virginia, e a ilha de Lampedusa, de Ariosto, e a ilha de Robinson Crusoe, e as ilhas dos mares do sul...

"Toda a felicidade do mundo — diz Gillet — habita as ilhas. A poesia está tão cheia de ilhas, como o céu de estrelas. Que encantadora Oceânia se faria com todas essas ilhas criadas pelos poetas!"

Mas a ilha das ilhas é a ilha do mágico Próspero, a criação perfeita mais pura da lómba shakespeariana.

Cheia de artilharias, de seres aéreos ou monstruosos, nela tuas pode acontecer, tanto um casamento principesco e mundano, como o aparecimento, em pessoa, de Ceres e Juno, embora — e é Canibais espiritualizado e espiritualizante que não diz — nada seja para temer ali:

Be not afraid; the isle is full of noises,
sounds and sweet airs...

Não temas; a ilha é cheia de ruídos,
cheia de sons e acentos musicais.
Mil instrumentos zunem no ar às vezes,
soando confusamente em meus ouvidos;
outras vezes são vozes, que, se acordo
de um longo sono, fazem-me dormir
novamente. E então sonho. E, no meu sonho,
alurem-se as nuvens e por sobre mim
o céu despeja todo o seu tesouro...
E isso é tão bom, que, se desperto, enfim,
tenho vontade de sonhar de novo.

Olavo Bilac pintaria idêntico céu cadente, com apuração, porém, da imagem poética, mediante transmutação de estrelas em saguinhos:

Cal o céu sobre mim em pirilâmpas...

* * *

Mas, situando-a numa ilha afastada, ou nos recessos misteriosos do Peru fabuloso, num arquipélago do Mediterrâneo ou nos planaltos andinos, na velha Ásia como na jovem América, em lavas florestas, como em pitorescos litorais, — todos carregados dentro de nós, como uma fosforescência a encantar os vultos limitados da nossa alma, a miragem fabulosa de uma terra utópica, o sonho de uma vida melhor.

Esse é o país de Cucanha, esse é o nosso "El-dorado", o refúgio imaginário para onde nos escapamos e onde nos refugiamos em busca de um consolo para a realidade da vida.

Não importa que ele não exista, não importa que ele se não concretize nunca, que seja irreal como todas as coisas belas, que não passe de um sonho de sonhos. Aliás,

we are such stuff
as dreams are made on; and our little life
is rounded with a sleep.

Nos sonhos feitos desse mesmo estofado
que os sonhos são feitos. E esta vida
é uma ilha em mares de sono peridida...

O que importa é que o imaginemos sempre rico, belo e feliz, que nos embriaguemos toda a vida com essa visão mirífica. Mesmo porque, a realizar um dia, esse sonho se realizaria idômente para os que o tivessem imaginado.

É digno de ver uma coisa aquela que pode imaginá-la antes.

A PERSONALIDADE DE XAVIER MARQUES

INGLEZ DE SOUZA

(Continuação da página 48)

se limitou a presidir a eleição direta, pela primeira vez que se aplicava a lei Saraiva". Apesar de curta sua administração, de 1881 a 1882, teve tempo de remodelar a instrução pública, de viajar o interior da província e cuidar dos meios de transporte, "chegando a levantar em um estabelecimento de crédito desta capital a quantia necessária para os estudos preliminares de uma linha férrea que ligasse Simão Dias a Sergipe". No trato com as facções políticas "soubes opor uma resistência legal e pacífica aos vexames, aos desmandos, à quase desorganização que se notava na província e conservou sempre a mesma resistência na luta e a mesma moderação na vitória". Uma das suas primeiras providências, ao chegar a Sergipe, foi transferir para a Baía a guarnição militar, que se havia revoltado. O governo imperial, reconhecendo-lhe os

bons serviços, agraciou-o com o oficialato da Rosa. Governou também a província do Espírito Santo, deixando em uma reforma do ensino elementar duradouro vestígio de sua presidência. Inaugurado o novo regime, aceitou-o, sendo mesmo convidado pelo marechal Deodoro para governador do Amazonas, e indicado para igual cargo em Pernambuco, por Silva Jardim e Anibal Pálcão. Esteve alguns anos arreado dos negócios públicos. Dessa abstenção tiraram-no por fim os conterrâneos, conferindo-lhe o mandato de deputado à Câmara Federal. Era já enfermo e combalido, mas não sabia resignar-se à inação e excusar-se do dever. A causa pública deu até os últimos alentos. Os seus ombros atléticos suportaram ainda outras responsabilidades: a direção e propriedade do "Diário de Santos", a "Revista Nacional de Ciências e Letras", de que foi fundador com Anto-

nio Carlos, em S. Paulo, a secretaria do Tribunal de Relação da mesma província, a diretoria da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, a fundação do Banco de Melhoramentos e da Companhia Agrícola, Industrial e Colonizadora de S. Paulo, a tesouraria da Academia Brasileira de Letras. A 6 de setembro de 1918 repousava em paz o varão insigne, de alma forte e serena, a quem os imperialistas de ontem, não obstante a nobre simplicidade de suas maneiras, a modestia e o silêncio de que se cercou, teriam chamado com justiça um apostolo de energia.

EFEMÉRIDES DA ACADEMIA

30 DE AGOSTO

1817 — Nasce João Manuel Pereira da Silva, fundador da cadeira n. 34, de que é patrono Souza Caldas. Foi o primeiro decano da Academia tege. Foi substituído pelo Barão do Rio Branco, que, por sua vez, foi substituído por Leão Muller. Nessa cadeira senta-se hoje Dr. Aulino Corrêa, arcebispo de Curitiba.

1901 — Fallece Eduardo Prado. É um dos fundadores da Academia, tendo ali criado a cadeira n. 40, que tem como patrono o visconde do Rio Branco. Eduardo Prado nasceu em São Paulo a 17 de fevereiro de 1869. No Aedemia foi substituído por Almeida Ayras, que, por sua vez, foi substituído por... (o atual ocupante dessa cadeira é o sr. Alceu Amoroso Lima (Tribuna de Aldeia)).

1922 — Fallece D. Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana. Nasceu em Congonhas do Campo, Minas Gerais, em 12 de janeiro de 1840. Na Academia substituiu a Almeida Guanabara, e foi substituído pelo sr. Gustavo Barroso.

2 DE SETEMBRO

1744 — Na cidade do Porto, batiza-se Tomaz Antonio Górgonz. Ignora-se a data exata do seu nascimento. É, pois, a data da sua batização a primeira que se conhece de sua vida. Górgonz é natural da cidade n. 37, criada no sr. Silveiro Ramos, que foi substituído por Alcantara Machado. Hoje tem nela assento o sr. Getúlio Vargas.

1810 — Nasce em Joaquim do Rio Grande do Sul, Joaquim Cristiano da Silva. É essa a data indicada por Teixeira de Melo e Sacramento Black. As "Efemérides" de Rio Branco indicam a data de 2 de outubro. Joaquim Castello foi um dos mais notáveis brasileiros do seu tempo. Sua obra, "L'Opuscul de l'Amazonie", é um dos livros básicos para os estudos geográficos e territoriais da América n. 19. É o patrono da cadeira n. 19, que foi criada no Alameda Guanabara. Na sentença de D. Silvério Gomes Pimenta, e hoje senta-se o sr. Gustavo Barroso.

3 DE SETEMBRO

1916 — O Conselheiro Lajafette é considerado empossado, mediante ofício, na cadeira para a qual fora eleito em substituição a Machado de Assis.

5 DE SETEMBRO

1914 — Proposta de Souza Figueira, determinando que, de ora por diante, não sejam mais convidados, nas eleições da Academia, os votos mandados por telegrama, devendo os académicos apresentarem em cédulas, que serão em envelope fechado, o nome do presidente.

6 DE SETEMBRO

1916 — Em sessão solene, realizada no Palácio Monroe, foi nomeado Pedro Lessa, que foi substituído por Lucio de Mendonça. Preside o sado Medeiros e Albuquerque. Na cadeira n. 34, substituído pelo sr. Xavier Marques.

1918 — Fallece Inglez de Souza (Herculano Marcos I. de S.). Foi um dos fundadores da Academia, onde criou a cadeira n. 38, de cujo patrono Manuel de Almeida foi substituído pelo sr. Xavier Marques.



CINCOENTENÁRIO LITERÁRIO DE ANDRÉ GIDE - ROBERTO ALVIM CORREIA

(1891-1941)

— II —

A grandeza de Gide consiste, além do que salientávamos a semana passada, inequivocamente nesse tom seu, ao qual já nos referimos e que trói o homem. É como se se percebessem nele os vestígios de um destino que podia ter levado Gide à perfeição moral como imprimiu ao seu estilo um acento inesquecível, estabelecendo assim o liame entre ele e o leitor. Revela-nos quem é, ou, pelo menos, que foi. E foi e permanece o autor de páginas que não de esclarecer o coração de muitos para sempre. Apenas podem-se aqui destacar duas ou três frases.

Mas bastam para convencer:

"On ne se donne à Dieu que tout entier".

"C'est la reconnaissance de mon cœur qui me fait inventer Dieu tous les jours".

"Seigneur, ce n'est pas parce que l'on m'a dit que vous êtes le Fils de Dieu que j'écoute votre parole; mais votre parole est belle au-dessus de toute parole humaine, et c'est à cela que je reconnais que vous êtes le Fils de Dieu".

Quem se expressou assim tinha o senso de Deus como poucos.

Será que o perdeu de todo? Não creio. Deus não se deixa facilmente esquecer de um homem como Gide. O que se dá, é provavelmente, o seguinte. Levado pela necessidade de ser absolvido, Gide, em vez de pedir a absolvição a Quem só pode absolver, por intermédio de seus ministros, acabou tendo que se absolver a si mesmo. E essa mortal teimeria fez com que o apóstolo da libertação dos desejos conseguisse recalar nele o cristão. Nesta contradição. Mas que ninguém pode declarar definitiva. Precisamos, Gide nunca foi um escritor que, mesmo no período de inquietação religiosa, e tão tipicamente protestante, um católico sonhasse mesmo de longe reinvindicar para sua confissão.

Até no mais "ortodoxo" de seus livros a PORTE ÉTROITE evidenciava tudo que nos afasta do protestantismo, pelo menos na sua concepção atual. Subsistem, não obstante, entre católicos e protestantes, bastantes pontos de contacto, particularmente sensíveis no momento de propagação capital que atravessamos, para que se possam grupar uns e outros sob a designação redentora de Cristandade. Bem esclarecido esse ponto do protestantismo inicial de Gide, averba-se o fato que soube incentivar dispostos de que beneficiariam os sentimentos religiosos de alguns. Possam compensar o mal que fez, se existirem compensações no mundo moral. E existem. E permanecer nele até o fim esse intenso lirismo com o qual exaltou o amor à vida, mais necessário do que nunca em uma hora em que tantos perderam o gosto de viver. Há algo de solene em um apelo como este que se segue e no qual se tem a impressão de ouvir a última vontade de um homem que já viveu muito e para quem amar a vida correspondeu a um ato religioso:

"Tou qui viendras lorsque je n'entendrais plus les bruits de la terre et que mes livres ne boiront plus sa rosée-tel, qui, plus tard, peut-être me liras, c'est pour tel que j'écris ces pages, car tu ne t'étonnes peut-être pas assez de vivre, tu n'admires pas comme il faudrait ce miracle étonnant qu'est la vie".

E por que tocam assim essa página e tantas outras? Porque expressam o canto interior da alma que Gide quase tornou palpável. Livros como LES NOURRITURES TERRESTRES, LA PORTE ÉTROITE, CINQ TRAITS LA SYMPHONIE PASTORAL, grande parte de LE GRAIN NE MEURT e desse documento único que é o JOURNAL, estão da impregnados. Não se nega que a quia tributária muitas vezes das exigências mais diversas, quando não inadmissivelmente errôneas, do corpo. A sensação, em Gide, tem um valor básico e excessivo que se pode prestar às mais lamentáveis confusões. Domina toda a sua obra a emoção. A emoção que é a manifestação mais viva da alma a qual transparece ainda no amor de Gide pela natureza. Até nas suas mínimas revelações. Insetos, florinhas o reteem indefinidamente. E essa atenção amorosa salva por sua profundidade o que infalivelmente contamina o espírito, quando perde o contacto direto com a natureza. O que há de mais sadio em Gide, de mais tonificante, é esse amor. Podia-se fazer um grande livro só com as páginas descritivas ou inspiradas pela luz, o céu, a água, as florestas, o vento. Formariam um hino na qual vibraria de um modo patente para todos a alma. Uma frase só, como esta, basta, pensa-se, para dar a medida de que seria:

"Éblouissement pur, puisse ton souvenir à l'heure de la mort, valoir l'ombre! Mon âme que de fois, par l'ardeur du milieu où j'our, s'est rafraîchi dans ta rosée!"

Aqui ao esplendor da forma junta-se o que precisamente se pode chamar de emoção gideana. É ainda a mesma que nos deixa participar de seu amor para com o próximo. Escreveu livros cíclos de fraternidade humana, a respeito dos quais se criou o malentendido comunista que ele próprio favoreceu, mas que não honra ninguém. Gide, na realidade, jamais foi bolchevista. Lembrou-me das tentativas, no oculto, dos agentes de Stalin, para convertê-lo de verdade. Para nós que o conhe-

ciamos e o liamos, não fazia dúvidas que seria de curta duração a experiência. Basta dizer que motivava seus sentimentos em nome de Cristo. Mas, diante da realidade, isto é, na sua viagem à Rússia nem as recepções de que foi alvo nem as adulações e as promessas de seus hóspedes não obtiveram dele que não voltasse do paraíso soviético, completamente desiludido e revoltado. Estado que prova sua sinceridade e fornece o exemplo de uma dignidade de caráter que merece ser invejada de muitos. Gide nunca fez concessões nem à sociedade, nem às honras que vai distribuindo, nem a ninguém.

Exemplo digno também, esse, de admiração para quem, desde Pascal, procura atrás de cada autor um homem, e exemplo que se prolonga na medida que Gide não se contentou em exprimir em livros, como tantos outros, seus sentimentos de solidariedade para com os mais humildes. É o mesmo homem que com quase sessenta anos de idade não rejeita arriscar a própria vida e, partindo para o Congo e o Tchad, defende a causa dos pobres negros escandalosamente explorados. Depois de meses passados nas colônias africanas, voltou para Paris com dois livros que eram dos requisiórios esmagadores para os responsáveis, o VOYAGE AU CONGO e RETOUR DU TCHAD. Ignoro se exerceram alguma influência, quando de sua aparição em 1927, sobre jovens sociólogos como Gilberto Freyre ou Artur Ramos, cujos estudos magistrais tanto contribuíram para reabilitar o fator negro no Brasil. O valor do gesto humanitário de Gide fica, de qualquer maneira, o mesmo, e não pode passar despercebido em uma terra como a nossa, que tanto contribui para solucionar o problema das raças, insolvível, quando não desumano, em outras.

Éis o que, nas grandes linhas, tentávamos patentear a respeito de cinquenta anos de atividade literária de um dos maiores escritores de "todos os tempos", como dizem na sabrosa linguagem esportiva. Um dos maiores, sim, contudo, porque, em um estilo incomparável, ele nos obrigou a tomar conhecimento de nossa consciência. E fez que procedêssemos muitas vezes contra ele próprio, nós que não temos como ele o privilégio de defender sinceramente do ponto de vista da moral tudo que nos seduz. Mas, assim mesmo, incitando cada um a uma revisão constante dos valores morais e intelectuais. Gide deu toda a profundidade à literatura de nosso tempo. Não há deram, em cem anos de vida literária na França, nem os Balzac, nem os Flaubert, nem os Anatole France, nem os Zola, nem os Bourget, nem os Proust. Temos de procurar mais longe sua filiação. Para não conta muitos representantes franceses e se Montaigne fornece o primeiro exemplar do diário psicológico e introspectivo, deve-se esperar até Rousseau para estabelecer sobre pontos fundamentais. Se, assim mesmo, depois do genial autor do REVERIES D'UN PROMENEUR SOLITAIRE, ainda se pretende seguir a genealogia gideana, tem-se de atravessar a fronteira e lá se vem os Dostoevski e Nietzsche, ambos escritores, por mais opostos que sejam entre si, que nos levam para águas diferentes, mas tanto uma quanto a outra pouco seguras.

Entretanto, sem a coragem necessária para defrontar o perigo, não há homem. E quem esse lá ser um dia já era perceptível (pelo menos é o que nos parece a nós, cinquenta anos depois — é sempre fácil diagnosticar depois terminado o percurso evolutivo) no livrinho de 1891, os CAHIERS D'ANDRÉ WALTER, que, atualmente, nem vinte páginas talvez conheçam na integra. Por isso, citarei um trecho reproduzido por Du Bos e que data de 1890. A citação seria supérflua, não apresentasse ela um Gide de dezessete anos e não tivesse quase o valor de um inédito. E agora, para nós, de um documento em que se manifesta já todo um lado da personalidade de Gide que nos atinge: o desejo de não se satisfazer com pouco, a curiosidade insaciável, os apelos da alma e de Deus que até hoje (pelo menos assim se espera) não abafou de todo seu sensualismo e aquela embragante sede das forças naturais:

"Je voudrais à vingt et un ans, à l'âge où la passion se déchaîne, la dompter par un labeur forcené et grisant. Je voudrais, tandis que les autres courent les plaisirs, les fêtes et les débauches faciles, goûter les voluptés farouches de la vie monastique... Aucun bruit, que peut-être parfois les grandes clameurs des montagnes, les voix lugubres des glaciers, ou les cantiques de minuit chantés sur une seule note par les chateaux qui veillent. Vivre profondément sans plus que le temps vous poursuivre. Manger quand j'aurais fait dormir l'importance que, — alors que j'aurais fait ma tâche, lire la Bible, les Védas, Dante, Spinoza, Rabelais, les Stoïques; j'apprendrais le grec, l'hébreu, l'italien; — et ma pensée se sentirait orgueilleusement vivre... Et quand la chair exaspérée regimberait à cette gêne dans un sursaut de désirs, — alors, la discipline fouaillant le corps et qui se taira bien sous la douleur! — Ou bien, dans la montagne, une course insensée, par delà les rochers, jusqu'aux neiges, et que la chair haletante en eût crié merci, épuisée, vaincue... ou peut-être dans la neige profonde se plonger et trouver dans ce contact glacé comme un frisson extraordinaire".

Um lado de Gide, disse-se, mas apenas um e que lá irai, como se tratou todo ideal de adolescente. Não ao ponto, todavia, que sempre diminuisse nele — e até por vezes muito pelo contrário — essa qualidade da alma e do espírito que só até hoje entre os melhores cristãos tínhamos encontrado e que ajuda a viver.